



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**SER X CON:**  
O GRANDE DERBY SERGIPANO

EMILY NAYARA LIMA DA SILVA  
THAIS LEITE SANTOS GUEDES

São Cristóvão - SE

2015

EMILY NAYARA LIMA DA SILVA  
THAIS LEITE SANTOS GUEDES

**SER X CON:**  
O GRANDE DERBY SERGIPANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – jornalismo, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, da UFS.

Profa. Dra. Greice Schneider  
Orientadora

São Cristóvão – SE

2015

SER X CON: O GRANDE DERBY SERGIPANO

EMILY NAYARA LIMA DA SILVA  
THAIS LEITE SANTOS GUEDES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – jornalismo, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, da UFS.

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Greice Schneider - Orientadora  
Universidade Federal de Sergipe

---

Profa. Me. Michele Tavares  
Universidade Federal de Sergipe

---

Prof. Esp. Jimmy Mendonça  
Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão – SE

2015

## ÍNDICE

### **PARTE I**

MEMORIAL DESCRITIVO

### **PARTE II**

LIVRO-REPORTAGEM SER X CON: O GRANDE DERBY SERGIPANO

### **PARTE III**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

# **PARTE I**

## **MEMORIAL DESCRITIVO**

MEMORIAL DESCRITIVO  
SER X CON: O GRANDE DERBY SERGIPANO

EMILY NAYARA LIMA DA SILVA  
THAÍS LEITE SANTOS GUEDES

Trabalho apresentado como referencial teórico-  
Metodológico para o Trabalho de Conclusão do  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da  
UFS.

Profa. Dra. Greice Schneider  
Orientadora

São Cristóvão- SE  
2015

## 1. AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Emília, pela educação e ensinamentos que construíram o meu caráter. Por todo carinho dedicado a mim, por todo apoio, por não medir esforços para me ajudar a realizar este sonho. Ao meu irmão, Dayvid, que contribuiu para minha educação se comportando como um pai muitas vezes. Aos meus avós, Lourdes e José, que sempre foram o meu refúgio. Às minhas primas que são quase irmãs. A todos da família Lima, que de alguma forma contribuíram e torceram por mim.

Ao meu noivo, Pedro Henrique, que entendeu os meus dias de estresse por causa do trabalho, que foi meu porto-seguro, que fez dos meus dias mais leves, que incentivou e me motivou a prosseguir. Aos amigos da Igreja Batista (Galera Cbbc). Vocês são maravilhosos, muito obrigada pelo cuidado, carinho e pelos momentos de diversão.

Às amigas que fiz ao longo do curso e que levarei para vida: Liliane Nascimento: que além de me ensinar as disciplinas acadêmicas, me ensinou a se importar e se dedicar ao outro semelhante ela faz; Egicyane Lisboa, que sempre me presenteava com seu sorriso, cuidado e carinho; e Thaís Guedes, minha confidente, minha companheira de risadas, minha parceira de trabalho, minha amiga. Obrigada por tudo. Vocês fizeram dos meus dias na universidade muito mais felizes.

Às fontes que tivemos o prazer de conhecer, principalmente ao Eugênio, Wica, Joãozinho e Vilder. Obrigada por nos dedicarem tempo e pelas histórias enriquecedoras e emocionantes que compartilharam conosco. As contribuições de vocês foram essências para concretização deste trabalho.

À nossa orientadora, Greice Schneider, quem admiro muito como profissional. Agradeço por ter aceitado nos orientar neste projeto, pela dedicação, paciência, por nos fazer melhorar, colaborar com nossas ideias e por acreditar em nós.

Sobretudo, à Deus que me permitiu conhecer cada um dos citados acima. Obrigada por me sustentar dia após dia com seu amor incondicional. Tu és bom.

Emily Lima

Primeiramente, e de forma mais especial, à Andréa, Raymunda e José, minha mãe e meus avós e à minha tia/madrinha, Ana Paula. Agradeço pela criação e pelos valores que me ensinaram a ter. Pela paciência ao longo desse período de graduação, pelo apoio desde que optei pelo jornalismo, mesmo que à contra gosto deles. Pelo esforço para me manterem longe de casa e pelo porto-seguro que encontrei a cada dificuldade e sempre que a saudade apertava. Ao meu pai, Sebastião, que mesmo não estando mais fisicamente nesse plano, pude senti-lo sempre ao meu lado me guiando para as melhores decisões e melhores caminhos. A todos da família que torceram pelas minhas conquistas e acreditaram em mim.

Às amigas que conheci na universidade e que levarei para a vida: Egicyane Lisboa, sempre pelos momentos de carinho, cuidados comigo e descontração; Liliane Nascimento, pela preocupação, pelas conversas enriquecedoras, pelas aulas que fizeram minhas notas aumentarem; e Emily Lima, minha parceira da vida, de todas as horas e todos os trabalhos (inclusive este). Obrigada por me ouvirem, por me aconselharem, por fazerem desses cinco anos menos difíceis e pelo amor que construímos.

Aos amigos da Bahia: Marcela, Valéria e Tainá, pelo companheirismo e laços que se estreitam cada vez mais, mesmo que de longe. Pela compreensão durante os momentos que me mantive ausente, pelo incentivo e amor inabalável. Larissa, Antônio, Hanna, Tamylla, Lorena, Carol e pessoal dos “10 centavos”, pelas aventuras que me proporcionaram, principalmente quando a universidade me sufocava.

Às fontes que tivemos o prazer de conhecer, principalmente ao Eugênio, Wica e Joãozinho, pelas histórias enriquecedoras e emocionantes que fizeram eu me apaixonar novamente pelo jornalismo e pelo futebol.

À nossa orientadora, Greice Schneider, quem admiro desde nosso primeiro contato na universidade, pela sua imensa bagagem cultural, por ter aceitado nos orientar neste projeto, direcionando e colaborando com nossas ideias e, principalmente, pela paciência e por acreditar em nós.

Thais Guedes



## 2. SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
2.	<b>HISTÓRICO</b> .....	2
	2.1 Jornalismo esportivo em Aracaju .....	3
3.	<b>OBJETIVOS</b> .....	4
	3.1 Objetivo Geral .....	4
	3.2 Objetivos Específicos.....	4
4.	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	5
5.	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	8
6.	<b>INFLUÊNCIAS</b> .....	9
7.	<b>DIÁRIO DE PRODUÇÃO</b> .....	11
	7.1 Planejamento .....	11
	7.2 Entrevistas .....	12
	7.3 Pesquisas em periódicos antigos.....	15
	7.4 Redação .....	17
	7.5 Descrição do Livro .....	18
8.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	19
9.	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	20
10.	<b>ANEXOS</b> .....	22
	Anexo I.....	22
	Capítulos do livro segundo suas fontes de informação .....	22
	Anexo II.....	25
	Anexo III.....	25



## 1. INTRODUÇÃO

A rivalidade existente no futebol é um reflexo da representatividade social que esse esporte tem. Um time não é rival do outro sozinho, milhares de torcedores tomam para si esse sentimento de oposição. Ou talvez eles mesmos o criem. A oposição existente no futebol se sustenta também de oposições pessoais, por este motivo, a rivalidade futebolística vai além de uma disputa em um jogo, uma vitória ou uma derrota para um determinado time. A relação com o rival descende de muitos fatores, que vão desde aquele primeiro jogo decisivo às experiências individuais com o esporte. Por isso, cada rivalidade tem suas particularidades.

Em Sergipe, a Associação Desportiva Confiança e o Club Sportivo Sergipe fazem o maior derby do estado. A história desse clássico se perpetua há décadas e teve seu início após o surgimento do Confiança, em 1936, 27 anos depois do nascimento Sergipe. A cada nova disputa o desejo de superar o outro é inflamado. Juntas as equipes já fizeram 19 finais de campeonatos. As histórias que os separam fortalece o futebol local, influencia a vida da sociedade e revela a história do futebol aracaçuano.

O presente trabalho tem o objetivo de tornar-se um produto jornalístico de fácil acesso, que retrate a rivalidade existente entre Sergipe e Confiança. Abordando fatos e dados que foram imprescindíveis para fomentar essa oposição entre as equipes. Apresentar o histórico dessa disputa é descobrir o caminho que o futebol vem trilhando em Sergipe e como auxilia a moldar a sociedade.

Não é só dentro do gramado que esse antagonismo persiste, fatores extracampo também contribuem para que exista essa disputa. Portanto, o livro pretende contar um pouco dessa história, apresentando fatos e personagens que revelam o além do momento do jogo, que expressam as particularidades do Ser x Con.

## 2. HISTÓRICO

Ainda em 1925 o futebol já havia se tornado uma paixão na vida dos brasileiros, e à medida que ele foi se desenvolvendo a mídia foi abrindo, gradativamente, espaço para saciar o interesse do público sobre a modalidade. No entanto, o espaço concedido aos esportes pelos jornais era mínimo. Um dos primeiros jornais a trazer divulgação esportiva foi o jornal *Fanfulla* de São Paulo, em 1910. Neste momento o periódico ainda não se dedicava a contar como foram os jogos ou trazer notícias sobre os times, ele trazia na verdade o convite para que os italianos que viviam no Brasil criassem uma equipe de futebol (COELHO, 2011).

A partir dessa modesta iniciativa do jornal *Fanfulla*, as notícias sobre futebol começaram a surgir. O apelo do jornal foi atendido e os italianos deram origem ao Palestra Itália, atual Sociedade Esportiva Palmeiras. Com a criação do novo time de futebol não demorou muito e o jornal já dedicava uma página inteira ao assunto.

(...) não existia o que se pode chamar hoje jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos e ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado – e isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte. (COELHO, 2011. p. 8)

As notícias sobre futebol já trazidas em um formato semelhante ao atual, com tamanho espaço e importância só passaram a acontecer a partir de 1930 no Rio de Janeiro. Através dos irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues, que criaram o *Jornal dos Sports*, o futebol conseguiu um real valor midiático, iniciando uma nova era comunicativa neste segmento. Este era o primeiro diário dedicado exclusivamente aos esportes.

Após a criação do *Jornal dos Sports* outros periódicos voltados exclusivamente a conteúdos esportivos surgiram, além deles, os jornais dedicados a temáticas gerais também passaram a conceder mais espaço para o esporte com criação de cadernos específicos. O crescimento da cobertura esportiva se deu para atender a nova demanda social, o esporte se tornava cada vez mais popular entre as pessoas. Entretanto, manter a regularidade destes veículos esportivos nesta época era uma tarefa difícil, pois havia muito preconceito em torno dessa prática desportiva. Negros passaram a fazer parte das equipes de futebol, e esse foi um dos motivos que o tornou tão popular, principalmente

entre as classes menos favorecidas o que fazia com que as pessoas avaliassem o público adepto ao futebol como um público não adepto a leitura.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. ” (COELHO, 2011. p. 8)

Embora não tenha sido fácil, o movimento no jornalismo esportivo não parou. Novos jornais esportivos surgiam, outros fechavam. Mas, da década de 50 o segmento jornalístico já se consolidava.

### **2.1 Jornalismo esportivo em Aracaju**

O jornalismo esportivo em Aracaju seguiu caminhos semelhantes aos do jornalismo esportivo no Brasil. Os jornais aracajuanos demoraram para dedicar espaço as notícias esportivas, e quando o fizeram o espaço concedido era mínimo. O jornal *Correio de Aracaju* foi um dos primeiros a trazer notícias esportivas em suas páginas. Após o surgimento dos clubes de regatas Clube Sportivo Sergipe e Cotinguiba Esporte Clube em 1909, tornou-se possível encontrar pequenas notas chamadas de “Regatas”. A primeira diretoria do clube Cotinguiba, por exemplo, foi trazida pelo jornal.

Os clubes de remo tornaram as competições esportivas mais regulares na cidade de Aracaju, assim, as notícias foram ganhando espaço. Além disso, era comum na época a veiculação de pequenas notas informativas, quase como recados. Desta forma, dirigentes dos clubes enviavam notas com informações de treinos e reuniões para seus associados.

É preciso ressaltar que as notícias ainda não eram feitas com regularidade e que o futebol ainda não havia conquistado espaço. Em 1916 os clubes de remo aderiram também ao futebol, e a chegada das duas equipes neste cenário impulsionou a prática do futebol na cidade tornando-a mais organizada, embora prosseguisse amadora. Os clubes de regatas já eram populares na cidade, as competições entre eles movimentavam pessoas e quando eles aderiram ao futebol o público que já os conheciam também se interessaram pela nova prática desportiva. Por este motivo em cerca de dois anos jornais como *Correio*

*de Aracaju* e *O imparcial* criaram as colunas “Desportos” e “Diversões e Desportos”, respectivamente.

No ano de 1949, as vésperas da Copa do Mundo de 50 que aconteceria no Brasil, foi criada em Sergipe/Aracaju a Associação de Cronistas Esportivos. Com a criação da associação passou a haver uma forte relação entre jornalismo e esporte em Aracaju.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

- Produzir um material jornalístico que retrate a história de rivalidade do maior clássico do futebol sergipano.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Iniciar o preenchimento de uma lacuna deixada pelos veículos de comunicação locais.
- Representar a relação de influência exercida pelo futebol na sociedade aracajuana.
- Contribuir para o resgate e a valorização da memória do futebol aracajuano.

#### 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Livro-reportagem é o "veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos" (LIMA, 2004, p.26). Podemos compreender a reportagem como "uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso" (Sodré; Ferrari, 1986:11). A notícia se restringe a abordar um fato apenas com interesse jornalístico, enquanto a reportagem é uma narrativa que aborda os desdobramentos do fato, apresenta personagens, superando os limites do acontecimento.

A reportagem pretende expandir os fatos para uma dimensão contextual e possibilitar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, além de oferecer ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. Da extensão de uma grande-reportagem ou do encadeamento de reportagens que formem uma unidade com elementos de um único enredo, pode-se chegar, como resultado, ao livro-reportagem.

A função particular do livro-reportagem é "informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo" (Lima, 2004. P.39).

A produção de livros-reportagem tem se tornado cada vez mais pertinente, uma vez que os veículos de notícia estão diariamente dispensando as grandes reportagens, as grandes histórias, tornando o conteúdo de muitos periódicos superficial em prol do imediatismo. Em seu livro, Belo (2006) sugere que pouco a pouco as grandes reportagens estão sendo banidas dos periódicos. Através dos livros-reportagem é possível suprir estes espaços vazios deixados pela imprensa, no entanto o autor ressalta também que o livro-reportagem não tem a capacidade de substituir nenhum dos veículos de comunicação, mas seu conteúdo é capaz de servir como complemento a todos eles, pois é capaz de permanecer durante muito tempo como objeto de interesse da sociedade, quebrando as barreiras do imediato e do superficial. É preciso ressaltar que as grandes reportagens têm voltado a acontecer com mais frequência devido as possibilidades existentes na internet. No meio online não existe limitação de números de páginas, o tem possibilitado a volta

de grandes reportagens. No entanto, a produção de livros-reportagem continua a ser pertinentes, pois é mais um formato a ser explorado pelo jornalismo.

O formato de livro-reportagem, por ser tão completo e profundo, exige que a sua redação seja feita a partir de um conhecimento extenso sobre o tema a ser abordado. Partindo deste pressuposto, é necessário que ao escrever um livro sobre qualquer modalidade esportiva, se tenha um conhecimento técnico das regras e do vocabulário utilizado no meio. No caso do futebol é de suma importância atrair a atenção do leitor esportivo, é preciso utilizar uma linguagem, envolvente, descontraída e que transmita a emoção necessária que existe em cada jogo.

Quando a prática do jornalismo esportivo foi iniciada os textos eram carregados de poesia e emoção, não havia muito a preocupação em retratar as partidas e acontecimentos sendo totalmente fiel aos fatos. “Importava menos a informação precisa. Os cronistas cuidavam mais do personagem e suas histórias, eventualmente romaneando-as” (COELHO, 2011. p. 17).

Com o desenvolvimento da profissão do repórter esportivo, a forma de escrever foi se modificando. Atualmente os profissionais trabalham muito mais com a realidade, para alguns este novo formato “empobreceu” o texto esportivo. Para Coelho (2011) “a noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto chave é que, muitas vezes tal cobertura exige mais do que noção da realidade”. Ainda assim, o autor ressalta que a emoção também faz parte do jornalismo, de forma que o desafio é saber dosar a paixão inserida nos textos, lembrando que o conteúdo, acima de tudo, é um produto jornalístico.

O jornalismo esportivo traz também uma polêmica em torno do jornalista poder ou não declarar qual o seu time de coração, quando o assunto é posto em discussão, os conceitos de imparcialidade e distância logo são lembrados. Segundo Coelho o jornalista é livre para externar sua preferência.

Vergonha para qualquer jornalista de qualquer área é não declarar sua preferência. Jornalista político tem o direito e o dever de votar. O fato de ter de comporta-se com isenção no período eleitoral não o obriga a anular seu voto. Da mesma forma, jornalista esportivo não deve nunca se envergonhar por essa ou aquela equipe. Vergonha, para jornalista, é equivocar-se na informação (COELHO, 2011. P. 59).



Já os autores Barbeiro e Rangel (2006) analisam o assunto de forma diferente. "Ninguém que participa do jornalismo esportivo tem de torcer para nenhuma equipe. A imparcialidade existe no esporte como em qualquer outro assunto jornalístico. Contudo é preciso buscar a isenção" (BARBEIRO; RANGEL, 2006. p.70).

Diante das duas opiniões postas, é preciso ressaltar que o jornalismo esportivo deve ser trabalhado com toda responsabilidade e ética que o jornalismo exige. O fato de revelar ou não o time de preferência do repórter esportivo não pode ser um subterfúgio para a realização de um trabalho com parcialidade, baseado em interesses pessoais. O jornalismo tem o mesmo papel social que qualquer outra área do jornalismo.

## **5. JUSTIFICATIVA**

A ideia desta temática decorreu primeiramente do gosto que temos pelo futebol. Durante todo o curso buscamos nos aprofundar na prática do jornalismo esportivo, produzindo e realizando pautas sobre o futebol local. Em meio a estas produções nos deparamos com a dificuldade em encontrar conteúdos sistematizados sobre a história do futebol sergipano.

Ao longo do curso percebemos que nem os próprios sergipanos tinham conhecimento de como se deu o surgimento do futebol no Estado, e como se deu o desenvolvimento de seus clubes até os dias atuais. Através desta observação prévia foi possível constatar que os conteúdos vinculados ao futebol sergipano atendem prioritariamente a uma demanda de factualidade. Assuntos que vão além do ambiente do jogo não têm sido retratados com a mesma intensidade pela grande mídia local.

A escolha desses dois times para abordagem é justificada pela rivalidade existente entre elas e por serem as equipes de futebol com maior representatividade no estado de Sergipe, uma vez que são os clubes com mais títulos e número de torcedores. Este trabalho tem o objetivo de ser um produto jornalístico que expresse a história dessas duas equipes, ressaltando a relação e rivalidade entre elas.

## 6. INFLUÊNCIAS

Escrever sobre um determinado assunto exige também um conhecimento prévio sobre a produção já existente sobre o tema. Tanto para acrescentar influências, quanto para não fazer uma mera reprodução de um trabalho, perdendo toda a relevância.

Dentro do perfil de livro-reportagem muitas são as produções disponíveis como “Rota 66: a história da polícia que mata” e “Abusado: o dono do morro Dona Marta” de Caco Barcellos, “Estrela Solitária - Um brasileiro chamado Garrincha”, de Ruy Castro, A luta (The fight) do estadunidense Norman Mailer, entre muitos outros. Todos os exemplos citados apresentam uma narrativa com profundidade nos fatos e muita qualidade descritiva.

O número de projetos experimentais no formato de livro-reportagem também tem se tornado cada vez mais comum, um deles é o “Lobo da Vila”<sup>1</sup> de Vantuyl Barbosa Neto e Alan Rodrigo de Pádua, que traça a história de dois pequenos times de futebol de São Paulo. Além dos livros, existe um vasto número de trabalhos acadêmicos que dedicam a estudar o formato de livro-reportagem.

A literatura sobre futebol é riquíssima, obras como “Quando é dia de futebol” de Carlos Drummond de Andrade, “Pátria de Chuteiras” de Nelson Rodrigues e “Futebol ao sol e à sombra” de Eduardo Galeano são bons exemplos da qualidade das obras que se dedicam a falar sobre o esporte. "O sujeito que diz que o futebol brasileiro passou é Narciso às avessas, já que a seleção é a pátria em calções e chuteiras". (RODRIGUES, 2013. p. 34)

Quando chegou a notícia da vitória de nossos patrícios depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmos, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto

---

<sup>1</sup> O livro traça a história da rivalidade existente entre o Palmeiras Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Sanjoanense, da cidade de São João interior de São Paulo. A rivalidade existente entre essas equipes revela que nem sempre a disputa em jogos é determinante para que ela aconteça. As duas equipes nunca se enfrentaram em uma partida profissional oficial, visto que nunca estiveram na mesma divisão. Ainda assim, por serem elas as equipes de maior expressão na cidade, conquistarem títulos e revelarem jogadores, os torcedores criaram esta rivalidade que vive da indagação de quem teria sido o melhor. O livro traz ainda o histórico sobre o futebol de São João.

gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra.  
(ANDRADE, 2014. p. 14)

Além das abordagens sobre futebol citadas acima destaca-se também as que contam as histórias dos clubes de futebol e dos clássicos, como Corinthians x Palmeiras: Uma História de Rivalidade de Antônio Carlos Napoleão.

Os conteúdos encontrados sobre o futebol Sergipano são, em geral, pouco disseminados. Além de que a maior parte do material encontrado trazia apenas relatos de jogos de campeonatos recentes. Alguns relatos de fatos históricos também foram encontrados, porém não de forma sistematizada e com uma narrativa que pudesse dar conta da amplitude do assunto. Voltando-se para os textos acadêmicos<sup>2</sup> encontramos monografias que tinham o futebol como tema, mas que não se dedicavam a contar a história da rivalidade entre as equipes.

Durante o processo de criação do Trabalho de Conclusão de Curso, o cronista esportivo Francisco Viana Filho<sup>3</sup> lançou dois livros sobre o futebol sergipano. Um livro em formato de crônicas, “Crônica Esportiva”, que traz um apanhado geral sobre a trajetória do esporte local, histórias de alguns clubes e jogos importantes. O outro é intitulado “História do Futebol Sergipano” que traz uma abordagem mais aprofunda, dedicada a contar a trajetória do esporte no estado de 1907 a 1960.

---

<sup>2</sup> JUNIOR, Hamilcar Silveira Dantas. **Esporte e espetáculo na modernidade aracajuana: os clubes esportivos como instituições educativas (1909-1918).**

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. **Da Fábrica ao Campo, Vender Tecido e Vender Espetáculo: Tecendo os Fios da História de um “Casamento Feliz”.** In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2004.

<sup>3</sup> O autor Viana Filho, foi um dos primeiros cronistas esportivos de Sergipe e foi a partir de seu gosto pela crônica que ele passou a pesquisar sobre o passado do futebol sergipano.

## **7. DIÁRIO DE PRODUÇÃO**

O livro- reportagem “Ser x Con: o grande derby sergipano” foi elaborado a partir de quatro etapas: planejamento, entrevistas, pesquisas em jornais antigos e redação.

### **7.1 Planejamento**

Durante este período foi planejado o formato que seria adotado para o livro. Após avaliarmos o tempo para realização do projeto e o custo para diagramação e impressão, optamos por fazer a divulgação do trabalho em formato digital posteriormente.

O recorte e a elaboração do primeiro sumário também foram feitos durante o planejamento. Num primeiro momento, a ideia do livro era a de contar como os times Sergipe e Confiança iniciaram suas trajetórias no futebol, ressaltar as datas especiais para cada um deles, como as de partidas em competições nacionais e conquistas de títulos. Além de apresentar como as duas equipes se tornaram tão rivais e como essa rivalidade se perpetua até hoje.

Para abordar esta rivalidade levantaríamos dados sobre os diversos jogos entre elas, formularíamos estatísticas sobre os campeonatos, números de gols marcados e recorreríamos aos torcedores para que contassem suas experiências com o clássico, assim como cronistas esportivos e jogadores. O livro seria elaborado a partir de documentos históricos sobre os times.

Ao estabelecermos os primeiros contatos com os presidentes das equipes, nos deparamos com falta de documentação em ambos. Os times não detinham documentos sobre sua fundação, campeonatos antigos, números de jogos, contratos antigos, a pouca documentação existente era recente. Como na sede das equipes não havia documentos buscamos pelas informações na Federação Sergipana de Futebol, no entanto lá fomos informadas que devido a um incêndio todos os documentos antigos tinham se perdido, estando a disposição apenas os mais recentes.

Diante de tal situação adotamos como método uma narrativa baseada na história oral. Como não havia documentação, procuramos fontes que pudessem contar a história, com esta mudança a ideia do livro também se modificou e o confronto de dados estatísticos perdeu espaço para a experiência das pessoas com o futebol.

Durante o planejamento fizemos também a leitura de livros e textos acadêmicos sobre jornalismo esportivo, livro-reportagem, assim como sobre metodologias de entrevistas.

## **7.2 Entrevistas**

A Entrevista é um ponto essencial do trabalho jornalístico, ela “é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta as fontes; objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. (LAGE, 2009. p.73). Segundo Bahia a entrevista é a base do noticiário jornalístico em qualquer que seja a mídia e neste trabalho assim foi.

Nilson Lage ao abordar o tema considera que a entrevista pode ser temática, ritual, testemunhal e em profundidade. Partindo dos conceitos aplicados por ele a cada um dos tipos de entrevista, adotamos para realização do nosso trabalho as entrevistas temáticas, nas quais são explorados assuntos sobre os quais se supõe que o entrevistado tenha condições e autoridade para discorrer, seja por sua especialidade ou por sua vivência. (LAGE, 2009. p.74).

O primeiro tema a ser abordado no livro foi o surgimento e o desenvolvimento do futebol em Aracaju. Desta forma, escolhemos José Eugênio de Jesus como uma das principais fontes para falar deste momento, visto que a sua história se confunde com a da imprensa esportiva em Sergipe. O jornalista esteve envolvido com o esporte sergipano por cerca de 70 anos. Em 2007, José Eugênio foi homenageado na abertura do 33º Congresso Brasileiro de Cronistas Esportivos por ser o mais velho cronista esportivo em atividade no Brasil. O cronista foi solícito ao nosso trabalho, nos recebendo em sua casa para as entrevistas.

Outra fonte muito importante para abordar temas contidos no livro foi o professor Vilder Santos. O professor se apresentou como um presente para este projeto. Cronista esportivo durante muitos anos, formado em Letras, Direito, porém mais conhecido como biblioteca ambulante e pesquisador incansável. Vilder Santos tornou-se fonte para este trabalho por meio de um acaso. Em um dia de pesquisa em jornais antigos no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o cronista se mostrou interessado pelo nosso tema de pesquisa e logo começou a falar diversas informações preciosas. As entrevistas com o professor Vilder acontecia sempre no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe local que ele muito frequenta.

Outro tipo de entrevista adotado por nós foi de entrevistas em profundidade. Neste método o objetivo “não é um tema particular ou um acontecimento, mas a figura do entrevistado, a representação de um mundo que ele constrói”. (LAGE, 2009. p.75). Este modelo foi utilizado nas entrevistas com ex-jogadores como Joãozinho da Mangueira e Wilson Mendonça, assim como com os torcedores dos clubes, pois a intensão desta vez era a de abordando a figura de cada um deles dentro da temática do futebol e dos acontecimentos.

A forma de diálogo adotada com as fontes foi baseada no modelo de entrevistas semiabertas/semiestruturadas, em que as perguntas seguem um roteiro pré-determinado com base no tema a se abordar, mas há flexibilidade na abordagem e perguntas feitas. A escolha foi baseada no desejo de permitir que os entrevistados fundamentassem suas repostas a partir de suas experiências, seus próprios conceitos, linguagem e bagagem sobre o assunto sem restrições. Além disso, segundo Bahia (2015) a pergunta fechada sugere resposta esquematizada, já a aberta provoca resposta espontânea e comparativa.

<b>Lista de entrevistados</b>		
<b>Nome</b>	<b>Profissão</b>	<b>Relevância para o trabalho</b>
<b>José Eugênio de Jesus</b>	Cronista esportivo	Ampla conhecimento sobre o futebol aracajuano, uma vez que trabalhou na cobertura esportiva durante 70 anos.
<b>Vilder Santos</b>	Cronista esportivo	Pesquisador da história do futebol.
<b>Raimundo Macedo</b>	Cronista esportivo	Profissional que trabalhou na cobertura do Campeonato Sergipano dos últimos 20 anos. Cobriu vários fatos e os tem na memória com riqueza de detalhes.
<b>Wilson Mendonça (Wuica)</b>	Ex-jogador	Disputou a Taça Brasil de 1962/63 pela equipe do Confiança. Acrescentou ao trabalho o contexto do futebol de sua época. Onde os jogadores se aliavam ao time em troca de emprego

		na fábrica ou outro estabelecimento.
<b>Edson Silva</b>	Torcedor	Torcedor fanático que se dedica a pesquisar sobre a história de seu clube e também responsável pelo Memorial do Sergipe.
<b>Luiz Roberto</b>	Presidente da Associação Desportiva Confiança	Voz oficial da Associação Desportiva Confiança
<b>João Marques (Joãozinho da Mangueira)</b>	Ex-jogador	Foi protagonista em uma grande disputa entre as equipes que são objetos de estudo desse trabalho.
<b>Valmir Ramos</b>	Colecionador de artigos esportivos	Participou da inauguração do Estádio Lourival Batista, além de apresentar um acervo de fotos.
<b>Diogo Andrade</b>	Federação Sergipana de Futebol	Fonte oficial da Federação Sergipana de Futebol.
<b>Saulo Monteiro</b>	Torcedor	Expressa como a experiência com o futebol do estado afeta a vida dos sergipanos. Ele já conhecia o futebol pela Tv e a Seleção Brasileira, mas foi ao ver um time local que ele passou a ser um torcedor.
<b>Igor Batista</b>	Torcedor	Expressa como a sociedade fica dividida entre Sergipe e Confiança.
<b>Diego Santana</b>	Torcedor	Torcedor envolvido na temática de torcidas organizadas.
<b>Pedro Henrique Santos Silva</b>	Torcedor	Torcedor envolvido na temática de torcidas organizadas.
<b>Raphael Dantas</b>	Torcedor	Torcedor envolvido na temática de torcidas organizadas.
<b>José Santos Freire (Zé nozinho)</b>	Torcedor	Torcedor antigo da equipe. Além de ser o presidente do grupo de torcida Senadinho.
<b>Ari Rezende</b>	Ex-presidente do Sergipe	Voz oficial no Club Sportivo Sergipe. Ari Rezende era o presidente



		do clube na época em que houve a entrevista.
<b>Torcida Organizada Trovão Azul</b>		A fonte foi escolhida para compor o capítulo que tem torcidas organizadas como temática.
<b>Nelson Lima</b>	Gerente de futebol do Sergipe	Voz oficial no Club Sportivo Sergipe.
<b>Torcida Organizada Esquadrão Colorado</b>		A fonte foi escolhida para compor o capítulo que tem torcidas organizadas como temática.
<b>Leonardo Chagas</b>	Torcedor	Torcedor que acompanha os jogos do clube assiduamente.
<b>Valdeir Vitor</b>	Torcedor	Torcedor membro de uma torcida organizada, que acompanha os jogos do time assiduamente.

### 7.3 Pesquisas em periódicos antigos

A pesquisa em periódicos antigos esteve presente em todo processo do trabalho, em todo o tempo recorremos a jornais e revistas, tanto para entender o contexto histórico dos fatos contados, quanto para confirmar datas e dados. Para a realização destas pesquisas adotamos algumas técnicas.

Fizemos uma busca prévia por datas que marcaram a trajetória do futebol em Sergipe, principalmente em Aracaju. Munidas dessas informações partimos para as pesquisas em jornais e revistas antigas disponíveis no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Desta forma, quando partimos para fase de entrevistas já havíamos adquirido mais informações e dados concretos para levar até as fontes.

<b>Lista de datas que serviram de base para pesquisa</b>	
<b>07 de Setembro de 1907</b>	Primeira exibição pública do futebol
<b>17 de Outubro de 1909</b>	Surge Club Sportivo Sergipe dedicado exclusivamente ao remo
<b>1910</b>	

	Primeiro troféu ganho pelo Sergipe nas regatas disputada no rio Sergipe, em comemoração à Batalha Naval de Riachuelo
<b>1916</b>	Sergipe adere ao futebol
<b>1922</b>	Sergipe é campeão sergipano pela primeira vez
<b>1924 – 1933</b>	Sergipe é hexacampeão, pois nos anos de 1925, 1926, 1930 e 1931 não houve campeonato)
<b>1936</b>	Sergipe vence por 4 a 2 o Botafogo, campeão baiano
<b>1º de maio de 1949</b>	Confiança forma time de voleibol e basquete
<b>1º de maio de 1949</b>	Criação do time de futebol.
<b>1949</b>	Campeonato que teve as primeiras partidas entre Sergipe e Confiança
<b>1951</b>	Confiança conquista seu primeiro Campeonato Sergipano de Futebol.
<b>1955</b>	Inauguração do estádio do Confiança. Primeiro clássico no novo estádio.
<b>1960</b>	Confiança conquista o bicampeonato em 1962/63
<b>1963</b>	O Confiança faz boa campanha na Taça Brasil
<b>1967</b>	Sergipe vence por 2 a 0 o Bangu em 1967, campeão carioca de 1966
<b>1968</b>	Confiança foi campeão invicto.

<b>1991 – 1996</b>	Hexacampeão sergipano
<b>2009</b>	Centenário do Sergipe
<b>2009</b>	Confiança campeão sergipano

Outra técnica utilizada foi uma inversão da anterior, isto é, após conversar com algumas fontes que nos relatavam fatos históricos, grandes acontecimentos, nós voltávamos para os jornais afim de confirmar os dados, buscar mais informações, assim como analisar o contexto em que o fato se passava. A leitura dos jornais contribuiu também para uma melhor compreensão da trajetória do jornalismo esportivo. Os jornais mais pesquisados para este projeto foram *A Cruzada*; *Correio de Aracaju* e *O imparcial*, uma vez que dos impressos disponíveis estes eram o que mais se dedicavam as notícias esportivas na época.

Algumas vezes a pesquisa em jornais foi prejudicada pela não existência de exemplares com as datas procuradas. O *Sergipe Jornal*, veículo em que José Eugênio trabalhou, por exemplo, disponibilizava apenas as edições de um ano. Era muito comum também encontramos em uma edição notícias informando sobre os jogos que iriam acontecer e os jornais seguintes, em que teriam as informações das partidas não existem mais.

#### **7.4 Redação**

Para realizar esta fase do trabalho nos foi preciso aplicar algumas técnicas de redação jornalística, tais como reportagem em profundidade e jornalismo literário. Além de um vocabulário voltado para o jornalismo esportivo. A reportagem em profundidade foi adotada com o objetivo de oferecer ao leitor uma compreensão mais ampla sobre o tema, contextualizando os fatos a partir da abordagem dos antecedentes da história, assim como os caminhos que se seguiram posteriormente.

Optamos também por utilizar a linguagem do jornalismo literário neste projeto, visto que o modelo cumpre o papel clássico do jornalismo de informar a verdade, compreendendo outros aspectos como aprofundamento de conteúdo pois, sua estrutura narrativa é mais descritiva. Através do jornalismo literário é possível “potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as

correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos” (PENA, 2008, p.13).

Durante o texto adotamos também um vocabulário voltado para o âmbito do futebol. Entretanto, buscamos estabelecer um equilíbrio entre a emoção, a paixão, os jargões esportivos e o caráter noticioso que precisava ser mantido no trabalho.

A emoção faz com que o jornalismo esportivo no veículo eletrônico esteja sempre numa linha tênue entre a pieguice e a razão. Costuma-se dizer que não há boa cobertura esportiva sem emoção, mas o jornalista não pode se deixar levar por ela, pois o exagero é um passo para desinformação. (BARBEIRO; LIMA, 2013. P. 19)

Ainda segundo os autores o jornalismo esportivo deve respeitar os mesmos limites que qualquer outra área jornalística. Por este motivo, durante o processo de redação buscamos exercer um trabalho distante da parcialidade, de forma que o leitor não viesse a se sentir incomodado com possíveis preferências. O texto do jornalismo esportivo pode ser desaprovado com facilidade por está direcionado a um público que pode avaliar a escrita pelos meandros da paixão por um time de futebol.

O processo de redação do livro-reportagem iniciou após a realização das primeiras entrevistas. Após cada entrevista debatíamos as informações conquistadas e a dividíamos por capítulo. Cada uma construía o capítulo individualmente. Após a conclusão, os textos eram trocados para que houvesse a parte de edição e troca de ideias. Este processo de troca dos textos tornou-se importante também para que o livro seguisse um único padrão de escrita.

## **7.5 Descrição do Livro**

O livro traz um resgate histórico sobre o surgimento do futebol sergipano, abordando a dificuldade para se estabelecer o esporte em meio à sociedade. Em seguida o livro volta o olhar para a cidade de Aracaju, relatando as histórias dos primeiros clubes, dos primeiros jogos que aconteceram em Sergipe e a criação dos primeiros campos de futebol.

Num segundo momento a narrativa se dedica a contar a trajetória do Club Sportivo Sergipe e da Associação Desportiva Confiança. O livro relata os momentos de auge dos times, as dificuldades, os títulos, e sobretudo como a história dessas duas equipes sempre se cruzam formando assim o maior clássico do futebol sergipano.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendia inicialmente ser um documento histórico que pudesse resgatar o passado do futebol aracajuano através de fatos e dados sobre os maiores times da capital sergipana. Ao longo do processo de criação o ensejo de recontar o passado permaneceu, no entanto, ele foi somado a percepção de que a história a ser contada não havia ficado no passado. A rivalidade entre Sergipe e Confiança permanece viva e pode se reinventar sempre, de forma que jamais ficará fixa no passado.

Contar as histórias destas duas equipes é revelar o movimento que o futebol fez e faz em Aracaju. É demonstrar a representatividade que os times de futebol têm na sociedade. A rivalidade entre Confiança e Sergipe se perpetua até hoje não só pela disputa interna entre eles, mas pela disputa existente entre os torcedores. Por este motivo, o livro-reportagem Ser x Con: o maior derby do futebol sergipano buscou ir além de um apanhado de fatos históricos e ser um material que expressasse a importância que tem os antagonismos vividos entre as equipes de futebol.

A produção deste trabalho proporcionou também dar voz àqueles que viveram os fatos históricos. Sempre que realizávamos uma entrevista era possível notar a felicidade e prazer que as fontes tinham de falar sobre o assunto, as pessoas que escreveram a história do futebol aracajuano têm o desejo de serem lembradas pelos seus feitos, pois contribuíram para a construção social do estado.

Além dos já citados este trabalho permitiu muito aprendizado na área do jornalismo. Foi preciso aprimorar os conhecimentos em metodologias de pesquisa, e entrevistas. Assim como aprimorar a prática da redação em profundidade.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA. História. Disponível em: <<http://adconfianca.net/historia>>. Acesso em 18 de out. 2015.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo**. V.2. 5. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BAHIA, Juarez. **Dicionário de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto: 2006.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Rodolfo. **Manual de jornalismo para rádio, TV e novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. 21ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2010
- BARCELLOS, Caco. **Rota 66: a história da polícia que mata**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2011
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CLUB SPORTIVO SERGIPE. História. Disponível em: <<http://cssergipe.com.br/historia/>>. Acesso em 18 de out. 2015.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.
- BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira**. 2011.
- FILHO, Viana. **A História do Futebol Sergipano: a história completa desde 1907 a 1960**. Aracaju: Universidade Tiradentes – UNIT, 2014.
- FILHO, Viana. **Crônica Esportiva**. Aracaju: Universidade Tiradentes – UNIT, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.
- JUNIOR, Hamilcar Silveira Dantas. **Esporte e espetáculo na modernidade aracajuana: os clubes esportivos como instituições educativas (1909-1918)**.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- MAILER, Norman. **A luta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ª edição. 4ª reimpressão. São Paul: Atlas, 2011.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. **Corinthians x Palmeiras:** uma história de rivalidade. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Ana Estela de Souza. **Jornalismo diário:** reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

PUHL, Paula Regina; SARAIVA, Juracy Assmann. (Org.). **Processos culturais e suas manifestações.** 1ª edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2012

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. **Da Fábrica ao Campo, Vender Tecido e Vender Espetáculo:** Tecendo os Fios da História de um “Casamento Feliz”. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa:** Projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker editores, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, SP: Associados /Anpocs, 1996.

TEIXEIRA, Rosana Câmara. **Os perigos da paixão:** visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.

## 10. ANEXOS

### Anexo I

#### Capítulos do livro segundo suas fontes de informação

##### Os primeiros passos do futebol em Aracaju:

As principais fontes de informações utilizadas para a construção deste capítulo foram o jornal *Correio de Aracaju*, que continha informações sobre os primeiros jogos de futebol na capital sergipana. A revista *Aracaju* e a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, que apresentavam artigos sobre os aspectos socioculturais de Aracaju. O livro *História do Futebol Sergipano* de Viana Filho. Além da entrevista realizada com o jornalista e radialista José Eugenio de Jesus.

##### Nasce o Club Sportivo Sergipe

Para o capítulo sobre o surgimento do Club Sportivo Sergipe, as fontes principais foram entrevistas com José Eugênio e o professor Vilder, que narraram o aparecimento dos primeiros clubes de regatas, em seguida os times de futebol e como se deu a divisão entre Sergipe e Cotinguiba. Foram feitas pesquisas no livro *História do Futebol Sergipano* e no jornal *Correio de Aracaju*, que acompanhou o momento do aparecimento das duas equipes, destacando as reuniões e as decisões tomadas pelos membros das duas diretorias.

##### As primeiras praças do futebol aracajuano

O capítulo foi construído a partir de pesquisas nas revistas *Aracaju* e *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, que contavam com algumas reportagens especiais fazendo um retrospecto da utilização das praças como palco de eventos. E o jornal *Correio de Aracaju* que citava as praças em aconteceriam os jogos. Além da entrevista com o cronista esportivo Raimundo Macêdo.

##### Onde está o derby?

Capítulo construído através de leitura de outros livros e artigos sobre outros times e rivalidade no futebol, além de conversas informais com os torcedores Valdeir Vitor e Leonardo Chagas.

##### Surge a Associação Desportiva Confiança

Informações retiradas dos jornais *Correio de Aracaju* e *A cruzada*. Além de entrevistas com professor Vilder, o cronista esportivo Raimundo Macêdo, o presidente do confiança Luiz Roberto, que descreveram o processo de surgimento do Confiança.



## **O time proletário já nasceu grande**

Informações colhidas através de reportagens nos jornais *Correio de Aracaju* e *A Cruzada*, que traziam as vitórias do time recém fundado. Além de entrevistas com José Eugenio, Luiz Roberto Wilson Mendonça (ex-jogador Wica) e Raimundo Macêdo que explicaram a máxima utilizada até os dias atuais, destacando as conquistas em seus primeiros anos de existência.

## **O Campeonato de Cidade de 1955**

O capítulo baseou-se em reportagens dos jornais *Correio de Aracaju* e *A Cruzada*, que traziam as partidas e as decisões da Federação Sergipana de Futebol com destaque. Foi utilizada entrevistas com o professor Vilder, que contou detalhes sobre os jogadores do confiança que estavam irregulares e as relações entre os dirigentes do Confiança, do Vasco e a Federação.

## **A polêmica contratação de Joãozinho da Mangueira**

As principais fontes para este capítulo foram as entrevistas com José Eugênio, que relembrou a repercussão do episódio na imprensa e entre os torcedores; com o professor Vilder Santos, que contou os feitos de Joãozinho que o transformou em um jogador importantíssimo na época, e com o próprio Joãozinho da Mangueira, que, em um bate-papo descontraído, contou sua versão dos fatos e o quais foram suas motivações para vestir a camisa do maior rival.

## **Taça Dinhô Melo**

As principais fontes de informação utilizadas para a construção deste capítulo foram o cronista José Eugênio de Jesus, que discorreu sobre a história da Taça Dinhô Melo, abordando as regras e dificuldade que foi conquista-la, e o torcedor Edson Silva, que além de contribuir com informações sobre como foi a disputa do título, os jogos revelou o carinho que os torcedores mais antigos do Sergipe têm com esta taça conquistada.

## **As duas faces da mesma moeda**

O capítulo “As duas faces da mesma moeda” foi construído a partir dos relatos dos torcedores Edson Silva e Luiz Roberto. Ambos apontaram a final do Campeonato sergipano de 2009 como uma partida memorável. Para auxiliar ainda mais na construção da narrativa foi utilizado um DVD com o jogo da final na íntegra.

## **Torcidas Organizadas**

As fontes utilizadas para a construção deste capítulo foram as torcidas organizadas Torcida Trovão Azul, Torcida Esquadrão Colorado. Raphael Dantas, integrante de uma das torcidas. Estudos sobre torcidas organizadas em Sergipe do Promotor de Justiça Djaniro Jonas Filho e livros que abordavam o tema.

## **Histórias de glória do time colorado/ Sergipe campeão absoluto do estado**

Para a construção deste capítulo, as principais fontes utilizadas foram o cronista José Eugênio de Jesus, o site do Club Sportivo Sergipe e o Livro Crônica Esportiva de Viana Filho.

## **Sergipe o Derrubador de Campeões**

Este capítulo foi construído a partir dos relatos do cronista José Eugênio de Jesus, do cronista Raimundo Macêdo, do torcedor José Santos Freire e do torcedor Valmir Ramos. Todos destacaram a vitória do Sergipe contra o Bangu e o surgimento do slogan “Derrubador de Campeões”.

## **Hexa é Luxo**

Este capítulo foi produzido a partir do relato do professor Vilder Santos que apresentou o fato do Sergipe ser hexacampeão como um grande feito. E a observação dos torcedores que sempre citam a conquista como um dos maiores feitos do time.

## **Histórias de glória do time azulino/ A grande equipe de 62**

O capítulo foi construído a partir dos relatos do professor Vilder Santos e do ex-jogador Wilson Mendonça. O professor Vilder deu indicações gerais sobre a equipe e a disputa da Taça Brasil em 1962/63, já Wilson trouxe relatos mais detalhados, uma vez que ele faz parte da equipe como jogador na época.

## **O Confiança é maior no cenário nacional**

Este capítulo foi construído de acordo com os relatos do cronista Raimundo Macedo, o torcedor Luiz Roberto. Assim como o jornal Gazeta de Sergipe que fez uma ampla cobertura sobre a partida entre Flamengo e Confiança em 1977.

Por ser uma história recente, este capítulo foi elaborado a partir de uma cobertura própria, sobre a campanha do clube no campeonato, aparada pela cobertura televisiva do programas *Globo Esporte SE* e *Atalaia Esporte*.

## Anexo II

<b>Roteiro para Entrevistas</b>
<b>1. Abordar fatos que nos leve a compreender o processo de desenvolvimento do futebol em Aracaju.</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Quando e como foram os primeiros jogos de futebol?</li><li>• Quais os primeiros times?</li><li>• Como o Sergipe surgiu? Foi realmente devido a uma briga de interesses?</li><li>• Como eram os campeonatos ainda na fase amadora?</li><li>• Quando e como o Confiança surgiu nesse cenário?</li><li>• Como o Confiança sendo mais novo conquistou espaço já se tornando uma das maiores equipes da capital?</li></ul>
<b>2. Abordar fatos que nos leve a compreender a rivalidade entre Sergipe e Confiança.</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Quando aconteceu o primeiro jogo entre as equipes?</li><li>• Algum fato causou discórdia entre as equipes logo nos primeiros confrontos entre elas?</li><li>• O Confiança carrega o status de já ter “nascido grande”. A forma como a equipe surgiu influenciou a rivalidade?</li><li>• Questionar sobre partidas especiais, finais de campeonatos, para buscar boas histórias e entender melhor o clássico.</li></ul>
<b>3. Abordar fatos que nos leve a entender as relações pessoais como os times.</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Como iniciou sua relação como o time?</li><li>• Por que escolheu time x a time y?</li><li>• Como os times influenciam sua vida pessoal?</li><li>• Buscar fatos que expressem esta relação.</li></ul>

## Anexo III

CD com fotos de entrevistados, áudios de entrevistas e recortes de jornais.

## **PARTE II**

### **LIVRO-REPORTAGEM**

**SER X CON:**  
**O GRANDE DERBY SERGIPANO**

**EMILY NAYARA LIMA DA SILVA**  
**THAIS LEITE SANTOS GUEDES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – jornalismo, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, da UFS.

Profa. Dra. Greice Schneider  
Orientadora

São Cristóvão- SE,

2015

## 11. RESUMO

O presente trabalho é um produto jornalístico dedicado a contar a história da rivalidade do maior clássico do futebol sergipano, abordando os fatos que tornaram Sergipe e Confiança times de referência no estado, rivais, e como essa rivalidade se perpetua até os dias de hoje. Para traçar esse enredo, o livro-reportagem contextualiza a história a partir de um relato sobre o surgimento e o desenvolvimento do futebol em Aracaju, apresentando as dificuldades encontradas para estabelecer o futebol na cidade e como a nova prática desportiva influenciou a sociedade aracajuana. Sobretudo, o livro destaca as trajetórias dos times Confiança e Sergipe desde a criação dos mesmos, apontando sempre para os fatos que contribuíram para que as equipes construíssem essa história de intensa rivalidade.

**Palavras-chave:** Futebol; Aracaju; Confiança; Sergipe; rivalidade

## 12. ABSTRACT

The following project is a journalistic product dedicated to the history of the classic derby from Sergipe football. It will address what made Sergipe and Confiança reference teams in the state, and how this rivalry is perpetuated to this day. The book contextualizes the history of football in Aracaju, introducing the difficulties encountered in establishing football in the city and how the new sport influenced society Aracaju. Above all, the book highlights the trajectories of the teams Confiança and Sergipe, always pointing to the facts that contributed to build this history of intense rivalry.

**Keywords:** Football; Aracaju; Confiança; Sergipe; rivalry

## SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u> .....	32
<u>OS PRIMEIROS PASSOS DO FUTEBOL EM ARACAJU</u> .....	35
<u>NASCE O CLUB SPORTIVO SERGIPE</u> .....	38
<u>AS PRIMEIRAS PRAÇAS DO FUTEBOL ARACAJUANO</u> .....	40
<u>ONDE ESTÁ O DERBY?</u> .....	44
<u>SURGE A ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA</u> .....	46
<u>O TIME PROLETÁRIO JÁ NASCEU GRANDE</u> .....	48
<u>HISTÓRIAS DA RIVALIDADE ENTRE AS EQUIPES</u> .....	50
<u>O CAMPEONATO DA CIDADE DE 1955</u> .....	51
<u>A POLÊMICA CONTRATAÇÃO DE JOÃOZINHO DA MANGUEIRA</u> .....	54
<u>TACA DINHÔ MELO</u> .....	56
<u>AS DUAS FACES DA MESMA MOEDA</u> .....	58
<u>TORCIDAS ORGANIZADAS</u> .....	60
<u>‘ESTÁDIO LOURIVAL BATISTA – O PALCO DO CLÁSSICO</u> .....	63
<u>CONCLUSÃO</u> .....	66
APÊNDICE .....	42
<u>HISTÓRIAS DE GLÓRIA DO TIME COLORADO</u> .....	67
<u>SERGIPE CAMPEÃO ABSOLUTO NO CAMPEONATO ESTADUAL</u> .....	67
<u>“SERGIPE O DERRUBADOR DE CAMPEÕES”</u> .....	69
<u>HEXA É LUXO</u> .....	70
<u>HISTÓRIAS DE GLÓRIA DO TIME AZULINO</u> .....	71
<u>A GRANDE EQUIPE DE 1962</u> .....	71
<u>Confiança se destaca na Taça Brasil</u> .....	72
<u>O CONFIANÇA É MAIOR NO CENÁRIO NACIONAL</u> .....	75
<u>CONFIANÇA NA SÉRIE C DO BRASILEIRO 2015</u> .....	77
<u>PAPO DE TORCEDOR</u> .....	79
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u> .....	83





### 13. INTRODUÇÃO

Mesmo os mais encantados pelo futebol sergipano costumam dizer que a prática desportiva no estado é fraca tecnicamente, desorganizada e ainda muito amadora e talvez os que o dizem tenham razão. O campeonato estadual é marcado por constantes mudanças de regras. Hora é decidido por pontos corridos, hora por partidas mata-mata, as vezes em um quadrangular, outras em um hexagonal. Além disso, muitos estádios não têm estrutura para receber os jogos, sem falar de times abandonam a competição ainda em andamento. Apesar de todos esses problemas e críticas feitas, torcedores prosseguem admiradores do futebol local.

Outra grande falácia sobre o futebol sergipano é dizer que ele não tem brilho, cor ou vida. Esse discurso parte daqueles que conhecem o futebol a partir de notícias, TV e que não costumam pisar nos estádios, principalmente num Batistão em dia de Ser x Con. Desta vez é preciso discordar. Estádios plenamente lotados, times na primeira divisão, jogadores sendo vendidos por milhões para grandes times da Europa. Isso realmente não é visto por aqui. Mas o futebol continua vivo, pois existem milhares de torcedores apaixonados por seus clubes, que quando olham para si próprios, veem a sua vida confundida com a das equipes de preferência.

Foi preciso apenas um encontro de Saulo Monteiro, 29, com o futebol local para que ele fosse fisgado. “O ano era 1994, eu tinha oito anos e estava na casa de minha avó, que mora no bairro Suíça, próximo ao Estádio João Hora. Meus tios estavam indo para o Batistão e nesse dia resolveram me levar. Nós fomos caminhando. Eu já gostava de futebol, mas acompanhava pela TV, tinha visto o tetra da seleção, mas naquele dia foi muito diferente. O estádio era enorme, a torcida gritando, o cheiro de pipoca e churrasco, as bandeiras, a emoção! Quando saiu o gol do Sergipe, vi desconhecidos se abraçando numa alegria só. Depois disso passei a frequentar o clube social do Sergipe, todos os domingos ia à piscina e me habituei a ir aos jogos”, conta o torcedor Saulo Monteiro.

O gosto de Saulo pelo futebol veio de uma experiência individual com o esporte. A avó do menino morava próximo ao estádio do Club Sportivo Sergipe, ele estava rodeado pela prática desportiva, o que poderia ter sido determinante para que ele se envolvesse antes com o futebol. Mas não foi. O garoto acompanhava o esporte pela TV e viu o Brasil ser campeão mundial. Quando o Brasil foi tetra, crianças foram tomadas

pela euforia daquele momento e abraçaram o futebol desde então. Mas foi ao pisar num estádio pequeno em comparação com outros estádios brasileiros, para ver um time de pouca expressão no futebol nacional que fez de Saulo um torcedor.

O futebol em Sergipe era e continua pulsante. Existem dois grandes responsáveis por isto, Sergipe e Confiança. Essas duas equipes podem não ter tanta expressão nacionalmente, mas em seu Estado eles são as responsáveis por afligir o torcedor.

“Quando tinha cinco anos de idade tive um dilema a solucionar. Fui assistir à final do Campeonato Sergipano de 2001 com meu pai que torcia pelo Sergipe e meus primos que torciam pelo Confiança. Eu não sabia para que lado torcer, mas já saí de casa com um sentimento ‘azul’ no peito. Quando chegamos ao estádio ficamos na arquibancada do time proletário e antes do jogo começar a torcida já fazia a festa. Eu fiquei em estado de choque e me apaixonei perdidamente por aquele sentimento que meus irmãos azulinos demonstravam sentir ao cantar. O Confiança foi campeão, vencendo o jogo por 2x0, e a partir dali me tornei fiel ao clube”, relata o torcedor Igor Batista, 19.

O conflito vivido por Igor é replicado por muitos outros sergipanos, mesmo por aqueles que não residem na capital. Sempre é chegado o dia em que é preciso escolher entre Sergipe ou Confiança. O dilema parece complexo até os primeiros contatos com as equipes. Depois disso tudo parece se tornar simples. Não importa mais a opinião do pai, ou de qualquer outra pessoa. A partir da experiência de Igor Batista com os clubes ele se descobriu Confiança. Após aquele primeiro contato com o time, o torcedor passou a acompanhar o time na maioria dos jogos fosse dentro ou fora do estado.

Em dia de clássico no Estádio Lourival Batista, o que se vê são milhares de torcedores cantando e não importa se é apenas a primeira rodada do campeonato sergipano ou se é a grande final. Não importa se o jogo não vale nada além de mais 3 pontos na tabela, ou se essa é uma partida de mata-mata. Em um derby o mais importante é ver o seu time sobrepor-se ao rival.

Antes mesmo do dia da partida alguns rituais são disseminados pela cidade. Confeção de bandeiras, as camisas da sorte são retiradas do armário e vestidas como se fossem armaduras, especulação de placares, levantamento de estatísticas sobre os últimos confrontos, e as infinitas provocações compõem a atmosfera.

A história dessa rivalidade se perpetua há décadas e teve seu início após o surgimento da Associação Desportiva Confiança, em 1936, 27 anos depois do nascimento do Club Sportivo Sergipe. O time azulino logo em seu primeiro ano na modalidade esportiva mostrou sua força e começou a trilhar o caminho para se tornar o mais forte adversário do colorado que, até então, figurava como o maior do estado.

As duas equipes aqueceram o cenário do futebol sergipano, formando o maior clássico de futebol do Estado. As histórias que fizeram a rivalidade entre estas equipes são as mais diversas como, a luta para conquistar uma taça por mais de dez anos, a contratação de um dos melhores jogadores do time rival de forma tão sagaz que saiu a custo zero, além das grandes finais de campeonato repletas de reviravoltas. Confiança e Sergipe fizeram e continuam a fazer história.

#### **14. OS PRIMEIROS PASSOS DO FUTEBOL EM ARACAJU**

Ainda no final do século XIX centenas de jovens brasileiros viviam suas primeiras experiências com bolas de futebol. Após a iniciativa de Charles Miller, precursor do futebol no Brasil, a prática desportiva logo passou a ser disseminada. Por toda parte era possível ver jovens travando suas primeiras batalhas no esporte. Em São Paulo, local que leva o status de ter sido o berço do futebol brasileiro, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Rio Grande do Sul, entre outros. Em cada um desses lugares houve um idealista que, com apenas uma bola e um livro de regras começou a nova modalidade esportiva nessas localidades. E em Sergipe não foi diferente.

A primeira exibição pública de futebol em Sergipe aconteceu no dia 7 de setembro de 1907 por iniciativa do major Crispim Ferreira, do 26º Batalhão de Infantaria, sediado em Aracaju. Após ter tido contato com o esporte no Rio de Janeiro e Salvador, o major teve a iniciativa de incluir atividades esportivas em Aracaju, aproveitando o dia da independência brasileira para incluir uma partida de futebol entre as diversões populares programadas para aquele dia.

As festividades tiveram início com as bandas de música e corneteiros do batalhão. Às 6 horas foram cumpridas as ordenanças de hasteamento da bandeira nacional. Após algumas horas os militares desfilaram até a Praça do Palácio, onde deram início as atividades esportivas. A programação seguia bem, e chamava a atenção do público. Era esse o momento que o Major Crispim esperava para divulgar uma nova modalidade. Após alguns assaltos de esgrima, havia chegado a hora de apresentar a sociedade sergipana o primeiro Match de Foot-ball, como era chamado na época, por causa da forte influência da língua inglesa, local de origem do esporte. Soldados e recrutas daquela guarnição militar improvisaram um campo ali mesmo na Praça e jogaram uma partida entre si. As equipes foram divididas entre Democrata e Independente. Cada time contava com apenas oito jogadores.

Para apitar a partida, o Major convidou o jovem Jaime Azevedo Villas Boas, que residia em Salvador e já conhecia as regras, pois a cidade desde 1902 contava com clubes de futebol organizado, como o Sport Club S. Paulo-Bahia e o Esporte Clube Vitória. Jaime Azevedo apitou o jogo sozinho, sem o auxílio dos bandeirinhas, muito menos com a tecnologia disponível atualmente. Apesar dos treinamentos que os militares devem ter feito para aquela apresentação, o resultado do jogo foi um empate de 0 X 0.

Levando em consideração que o ápice numa partida de futebol é justamente o gol, talvez a primeira exibição do futebol em Sergipe não tenha sido das mais animadoras. Mas o fato é que naquele dia, parte da sociedade teve contato com um novo esporte, ou simplesmente com uma nova recreação, que soldados e recrutas sentiram o gosto de jogar futebol para um público. Desta forma, é possível que nenhum dos que estavam presentes ali tenha tido a iniciativa de experimentar o que lhe havia sido mostrado? É possível que os soldados não tenham voltado a jogar uma partida?

Historicamente sim, é possível. Ao que se sabe aquele primeiro contato dos sergipanos com o futebol não foi capaz de causar nenhum movimento e o futebol só voltou a ser assunto, ao menos em Aracaju, dois anos depois. Desta vez, a iniciativa foi de Mário Lins de Carvalho, um jovem de 17 anos, natural da cidade de Lagarto e que morava em Salvador. Ao mudar para Aracaju, ele trouxe consigo a firme ideia de fundar um clube voltado para a prática do futebol.

A ideia de Mário logo contagiou o seu amigo Carlos Baptista Bittencourt, que demonstrou apoio cedendo a sua casa para a realização de reuniões. Localizada na Rua de Maruim, a casa de Carlos Batista passou a ser movimentada, jovens idealistas circulavam por lá todos dias, e assim fundaram o Sport Clube Lux. Como o nome não agradou, em seguida mudou para Club de Football Sergipano.

Naquele momento os aracajuanos não hesitaram e a partir de então outros clubes surgiram munidos principalmente de força de vontade. Campos de terra batida, pés descalços ou chuteiras feitas a partir de botas adaptadas, bolas feitas pelos sapateiros locais, importadas de Salvador ou de meias, ladeavam o desejo de fazer história. Assim iniciou a história do futebol em Aracaju.

O esporte nasceu, mas não conseguia crescer e seguia como uma modalidade ainda muito primitiva na capital sergipana. Em contrapartida, outro esporte vivia um momento de grande ascensão. O remo vinha sendo praticado em diversos estados brasileiros, como Porto Alegre, Bahia, Pernambuco, no Rio de Janeiro, e vinham fazendo muito sucesso, não só como um esporte, mas também como uma diversão popular, fator que fazia falta à sociedade aracajuana.

Aracaju era ainda uma cidade muito nova, com pouco mais de 60 anos, e carecia de novas atividades sociais. Nesta época o local mais movimentado da cidade era

a rua da Aurora, atual Ivo do Prado. Lá ficava o estuário de Aracaju, local onde navios e outras embarcações atracavam e ganhavam o mar a todo instante, transportando principalmente cana-de-açúcar, maior atividade econômica do estado. E foi num encontro na rua da Aurora contemplando as embarcações e a beleza natural das águas do rio Cotinguiba, hoje rio Sergipe, que um grupo de idealistas teve a ideia de fundar um clube de remo.

Durante a reunião, conversas acaloradas e o desejo de formar um clube para prática do remo eram comuns entre todos do grupo. No entanto, uma divergência entre a escolha das cores e o nome da equipe instaurou uma divisão. “O grupo que se formou era muito forte e muito entendido, mas com ideias diferentes. Eles divergiam em alguns aspectos, uma parte, por exemplo, queria homenagear o rio Cotinguiba, já a outra, o Estado. Assim eles acabaram se dividindo”, conta o cronista esportivo José Eugênio de Jesus.

Por causa das divergências foram criados dois clubes. Primeiro o Cotinguiba Esporte Clube, com cores brancas e azuis, e dias depois os dissidentes fundaram o Sergipe, com cores vermelhas e brancas. Sergipe agora tinha dois clubes de remo, e seus idealizadores mal sabiam que, por vias indiretas estavam dando início à consolidação do futebol em Aracaju, pois foi a partir desta primeira rivalidade que se fez o caminho para o crescimento do futebol.

## 15. NASCE O CLUB SPORTIVO SERGIPE

O Club Sportivo Sergipe foi fundado, então, em 17 de outubro de 1909. A partir daquele momento, o sentimento passou a ir além de uma briga de interesses de um grupo divergente. Com o novo clube era possível se estabelecer uma competição nas regatas, e muitos acreditam que o desejo de ver grandes disputas, competição, rivalidade, tenha sido mais um dos motivos para que fossem criados dois clubes ao invés de um.

O primeiro passo da diretoria eleita pelo o Clube Sportivo Sergipe foi encontrar um lugar adequado para a sede do clube, que ficou localizada na atual avenida Ivo do Prado. As ações seguintes foram a encomenda de barcos, a conquista de novos sócios, e a formação de uma estrutura financeira. Passada esta fase, o clube estava pronto para uma competição, e sua primeira conquista não demorou muito. No dia 11 de junho de 1910, o clube venceu o Cotinguiba na disputa em comemoração à Batalha Naval de Riachuelo com o barco Nereida. Aquela foi a primeira vitória de muitas.

Com a chegada dos clubes de regatas treinos e competições se tornaram rotineiros nas águas do rio Sergipe, tornando a rua da Aurora ainda mais movimentada. As embarcações que ali passavam já não tinham apenas a função de comércio, mas de oferecerem esporte e lazer. As margens do rio ficavam cheias de pessoas admirando as regatas. Através do clube Sportivo Sergipe e do Cotinguiba esporte Clube, os aracaajuanos passaram a praticar atividades sócio esportivas.

Além do remo, os clubes praticavam outras atividades, como jogos de salão. No entanto, a atividade esportiva que vinha se destacando em outros estados brasileiros ainda não atraía os sócios. Durante sete anos Sergipe e Cotinguiba nem mesmo cogitaram a prática do futebol.

O futebol só veio se tornar assunto nos Clubes, através do Capitão da Marinha, Aminthas José Jorge. Ao visitar sua cidade natal, Aminthas Jorge, que prosseguia apaixonado pelo futebol, aproveitou o respeito que tinha entre os sócios-remadores dos clubes e passou a disseminar a possibilidade de Sergipe e Cotinguiba aderirem também à prática do esporte.

A conversa continuava, mas de forma tímida e foi a passos lentos que os sócio-remadores dos clubes passaram a admirar a nova modalidade esportiva e posteriormente convenceram os novos dirigentes dos clubes a aderirem ao futebol.



Apenas em 1916 iniciou-se uma nova era nesses clubes e também no futebol. Sergipe e Cotinguiba eram formados pela elite sociedade aracajuana, visto que, o preço dos barcos e equipamentos para prática do remo eram muito altos na época, e só pessoas com poder aquisitivo teriam condições de praticar. Assim, após o futebol ser adotado por essas equipes, o esporte começa a deixar de ser apenas uma iniciativa solitária de um sonhador, ou um esporte vulgar praticado nos terrenos baldios da cidade.

Os clubes seguiram treinando juntos na praça Pinheiro Machado. Não havia ainda distinção clubista, eram divididos apenas entre 'Team Green e Team Black'. Nesta época o futebol ainda sofria grande influência da língua inglesa. A primeira disputa dos novos atletas em uma competição deu-se com a formação da Seleção de Aracaju. Uma equipe formada por jogadores do Sergipe e do Cotinguiba disputou uma taça com o Propriá, time do interior do estado. Após uma boa apresentação da Seleção de Aracaju, com vitória de 4x0 sobre os interioranos, houve questionamentos quanto a posse do troféu. Naquele momento, criou-se uma rivalidade.

Após a separação das equipes, a primeira ação do Sergipe foi formar um time e iniciar uma rotina de treinamento para os atletas. Passados dois meses de trabalho, Sergipe e Cotinguiba estavam prontos para promover a primeira partida organizada entre equipes do futebol aracajuano. Havia chegado a hora de decidir quem ficaria com a taça conquistada pelas duas equipes.

A partida aconteceu em dezembro de 1916, e o time alvo e rubro levou a melhor, saindo vencedor com o placar de 3x2. Aquele foi só o primeiro jogo dos muitos que as duas equipes proporcionariam ao público de Aracaju, que mesmo experimentando um futebol ainda sem muita qualidade técnica, logo se interessa pela nova modalidade. É bem verdade que não havia muita escolha, visto que o futebol passara a ser protagonista nos clubes e o remo deixado para segundo plano.

Mas o fato é que, seja pela falta de opção do público, pela paixão do povo brasileiro pelo esporte, ou pela popularidade dos sócios dos clubes, o futebol em Aracaju passou a crescer, e a necessidade de locais mais adequados para a prática esportiva foi revelada. Era chegada a hora de investir em campos de futebol.

## 16. AS PRIMEIRAS PRAÇAS DO FUTEBOL ARACAJUANO

Para se praticar futebol não é preciso muito, ao menos em termos de estrutura física, e quando não se tem muitas aspirações com sua prática qualquer médio espaço pode se tornar um campo de futebol. Terrenos baldios, ruas, vielas, praias, em qualquer um desses lugares é possível jogar uma partida, uma ‘pelada’, um ‘baba’. Basta apenas uma bola e sandálias, pedras ou qualquer outra coisa que possa se tornar uma trave improvisada. Um espaço vazio no olhar de um apaixonado por futebol. É um campo. Se adotarmos esses mesmo olhar, é possível dizer que a antiga Aracaju de 1916 era cheia de campos de futebol.

Aracaju era ainda uma cidade em formação. Por ter sido planejada, o centro administrativo e econômico estava muito bem montado, mas seus arredores ainda eram de grandes áreas de sítios, repletos de cajueiros. Com tanta área disponível foram surgindo vários campos na cidade, e então garotos travavam seus primeiros contatos com a bola também improvisada. Assim o futebol se tornava também mais acessível, já que nos clubes só era praticado pelos sócios.

Outros espaços aproveitados como campos de futebol foram as praças, que funcionavam como palco de grandes eventos políticos e culturais naquela época. Quando o “Club de Foot-Ball Sergipano” foi criado, eles passaram a realizar seus treinos na Fausto Cardoso. Já os sócios do Cotinguiba e Sergipe passaram a se reunir em animados treinos no “gramado” da Praça Tobias Barreto, antiga Pinheiro Machado, e solicitaram que alguns ajustes fossem feitos.

O pedido foi aceito e na preparação para a realização de um jogo intermunicipal na capital entre o “Selecionado de Aracaju” e o Sergipe F. C. (atual E. C. Propriá), o campo recebeu alguns reparos para espetáculo. O prefeito Alexandre Freire mandou terraplanar o campo, cercar, colocar traves com as dimensões indicadas e umas rústicas arquibancadas de madeira com capacidade para duas mil pessoas, considerada um bom público para época. Assim surgia a primeira praça de esportes organizada da cidade de Aracaju.

O público sergipano, tinha agora um endereço certo para apreciar o futebol e a cada novo jogo realizado na Praça Pinheiro se tornava mais cativo. Em 1917, o campinho passou por novas reformas. Desta vez para servir de palco para o primeiro jogo

interestadual entre “selecionados sergipano” (formado por jogadores de Sergipe e Cotinguiba) e o “República” campeão baiano de 1916. O público superlotou a praça, vibrando com a atuação dos jogadores sergipanos que, apesar de principiantes, souberam enfrentar os “mestres” da Bahia e os derrotaram por 1 x 0. Essa partida empolgou ainda mais os adeptos do futebol, disseminando-o por todo o Estado.

Em 1918, a primeira organização esportiva foi criada em Sergipe, a Liga Desportiva Sergipana, e imediatamente foi organizado o primeiro campeonato sergipano de futebol, que contou com a participação do Cotinguiba, Sergipe, Industrial e 41º Batalhão.

Para esse primeiro campeonato, o Cotinguiba e o Industrial contrataram os melhores jogadores do futebol baiano. O investimento deu certo, ao menos para o Cotinguiba que se sagrou campeão, vencendo o Sergipe por 2x0 no jogo final. Foi durante o campeonato que a estrutura montada nas praças mostrou deficiência para abrigar o número de jogos. Os campos ficavam quase sempre lotados nos domingos de partidas importantes, fazendo com que surgissem as primeiras reclamações contra as modestas acomodações. Aracaju pedia e precisava de um lugar mais adequado.

À vista disso um grupo de desportistas decidiu ir em busca de recursos junto ao coronel Adolpho Faro Rollemberg, para a construção de um campo de futebol condizente com o progresso do esporte na capital. Atendendo aos pedidos dos atletas, o coronel doou um terreno que ficava entre as ruas Vila Nova (atual Duque de Caxias) e Vila Cristina.

No entanto, mesmo contando com o espaço para a construção de um estádio, um ano se passou e as obras ainda não tinham sido iniciadas. Faltava um investimento financeiro. Então o comerciante João Firpo concedeu um empréstimo de 45 contos de réis, e as obras logo foram iniciadas. Campo gramado, arquibancadas com cobertura e capacidade para 2500 pessoas, espaço de vestiário para os atletas, bar e estrutura de alvenaria ao redor. Após quatro meses de obras o “Ground Adolpho Rollemberg”, era inaugurado solenemente no dia 7 de março de 1920.

A inauguração do estádio contou com a benção do campo dada pelo Bispo de Aracaju Dom José, o discurso do Almirante Amyntas Jorge e do presidente da Liga Desportiva Sergipana. A declaração oficial de inauguração foi dada pelo Sr. Presidente

do Estado de Sergipe, Sr. Pereira Lobo, e claro, com a grande partida entre Sergipe e Cotinguiba.

O jogo entre as equipes trouxe todo o show esperado pelo público estimado em 2.000 pessoas. O primeiro gol do estádio foi marcado aos vinte minutos do primeiro tempo, por Carlito do Cotinguiba e assim continuou deixando toda a tensão para segunda etapa. Quando o árbitro deu início ao segundo tempo, não demorou muito e o Sergipe deixou tudo igual após uma cobrança de falta. O jogo continuou quente, até que, faltando poucos minutos para o apito final, o Cotinguiba marcou mais um e saiu vencedor com placar de 2x1.

O Adolpho Rollemberg era um campo relativamente bem instalado para aquela época, o que fez o futebol sergipano progredir ainda mais. Importantes partidas interestaduais vieram para Aracaju por causa do estádio, entre elas uma com o Botafogo, campeão da Bahia, cujo futebol era considerado o terceiro melhor do Brasil. O estádio recém construído se tornou mais um atrativo para o futebol, e novos clubes passaram a surgir e integrarem a Liga Desportiva Sergipana, tais como o Aracajuano, Esperança, Brasil e o 13 de julho, que disputaram empolgantes campeonatos.

O novo estádio sem dúvida contribuiu bastante para o crescimento do futebol em Aracaju. Durante quase três décadas ele foi o principal campo da cidade. De 1920 a 1948 o estádio viveu grandes e memoráveis acontecimentos, mas também conheceu fases de completo abandono, por exemplo. Entre 1925 e 1926 ele ficou abandonado completamente para depois sofrer alguma reforma. Em 1930, fatos políticos nacionais paralisaram o futebol em Aracaju e o “Adolpho” voltou a fechar. No ano seguinte reabria-se com novas reformas, para uma fase áurea do futebol sergipano que perdurou até 1939.

Quando o futebol em Aracaju vivia uma das suas melhores fases, por volta de 1937, a Liga Sergipana de Esportes Atléticos, em parceria com o Sergipe e o Cotinguiba (proprietários do campo) tentaram instalar refletores naquela praça de esportes para jogos noturnos. A notícia, publicada com estardalhaço nos jornais da cidade, foi recebida com entusiasmo nos meios esportivos locais. Mas, as dificuldades financeiras fizeram adiar a iluminação do velho campo que terminou sua existência sem poder contar com essa melhoria.

No dia 10 de novembro de 1944 um acontecimento encheria de contentamento todos os torcedores sergipanos: o Interventor Federal, Coronel Augusto Maynard Gomes batia a pedra fundamental do “Estádio de Aracaju” no lugar do antigo Horto Botânico. Mas o tempo foi passando e o projeto ficou apenas no papel, naquela pedra fundamental regada de tantos discursos.

Entre 1945 e 1946, em outra grande fase para o futebol sergipano, época em que grandes craques surgiram, o entusiasmo durante os jogos cresceu sensivelmente em Aracaju. Cogitou-se até mesmo implantar aqui o campeonato profissional, não só pelo progresso existente, mas especialmente para evitar o êxodo dos melhores craques sergipanos para o futebol baiano. Foi nessa época que notaram que o “Adolpho Rollemberg” já estava superado.

## 17. ONDE ESTÁ O DERBY?

O futebol em Sergipe seguia muito bem, mas faltava algo, faltava levar o povo sergipano a vivenciar uma grande rivalidade. É fato que já havia uma brava disputa entre as equipes, principalmente entre times da capital e do interior, e entre Sergipe e Cotinguiba que formaram o primeiro clássico do futebol aracajuano. Quando os times se separaram visando estabelecer uma competição, tornou-se passível imaginar que o futebol em Aracaju surgiu com uma rivalidade já firmada, mas não foi bem assim. Sergipe e Cotinguiba conseguiram montar um clássico. Dois times tradicionais, com um bom número de torcedores, com proximidade geográfica. Enfim, com todas as atribuições importantes para se ter um clássico de futebol.

O clássico Ser x Cot apresentava sim um futebol de gala. Mas não apresentava aquela peleja acirrada, que leva o torcedor a viver uma partida dias antes dela acontecer e dias depois que ela acontece. O Cotinguiba passava por problemas extracampo que o fazia oscilar muito em suas participações nos campeonatos, permitindo que o Sergipe despontasse em conquistas de títulos e se firmasse como o maior time da capital. O estado de Sergipe precisava de mais que um clássico, precisava de um derby.

A palavra derby é originalmente inglesa, e empregada para caracterizar a principal corrida de cavalos do país. A corrida era com cavalos puro-sangue, raça mais rápida e mais valiosa do mundo, naquela competição não havia favoritos, todos os competidores tinham nível técnico parecido, por isso passou a ser considerada um derby.

O termo se popularizou entres as corridas de cavalo e se estendeu a outros esportes. Sempre que se estabelecia uma rivalidade constante em que a incerteza sobre quem seria o melhor vencia, o tremo derby vinha à tona. No Brasil o primeiro clássico de futebol a ser chamado assim foi Palmeiras e Corinthians, esses dois times eram totalmente diferentes e unidos por esta oposição.

Era disso que o futebol sergipano precisava de um Palmeiras e Corinthians, ou um Bahia e Vitória que de forma paradoxal, ao mesmo tempo que são rivais se precisam, duas forças opostas e complementares ao mesmo tempo. É o sentimento de oposição de superação do rival que intensifica o desejo de conquistas, é a figura do time rival que potencializa o grito de gol, a apreensão, a alegria extravasada. O futebol é feito

do enfrentamento contra o outro. Mas se os dois primeiros times da capital não conseguiram trazer toda essa magia, quem poderia?

Os anos se passaram e uma nova equipe de futebol surgiu na cidade. Apresentando um bom futebol, vinda de um outro bairro de Aracaju, com cores azuis e uma torcida já muito fiel. Os pré-requisitos para um novo clássico já se faziam presentes. Mas logo que o caminho desta equipe se cruzou com o do Sergipe outras diferenças entre elas foram ressaltadas. A maior delas a torcida. No início o Sergipe contava com o apoio de uma elite que via o futebol como uma parte de sua vida social, mas que ao longo dos anos se massificou sendo considerada a maior do estado. O Confiança contava com o apoio da classe operária que via no time de futebol a representação popular. As torcidas eram antagônicas.

Por este motivo não demorou muito para que o público entendesse, que os jogos entre essas equipes seriam especiais. Quem sairia vencedor? O sentimento de oposição se materializou entre os sergipanos ao ponto que torcedores do Cotinguiba que via o seu time oscilar muito nas competições, ao ponto de ficar de fora de campeonatos por problemas extracampo, migraram para o outro lado azul. Os torcedores logo perceberam que aquilo não era só um clássico. Havia ali rivalidade no mais alto grau de significação. Ali era um derby, uma luta sem favoritos, uma rivalidade que não se acaba.

Quem poderia criar o derby sergipano? A associação Desportiva Confiança em confronto com o Club Sportivo Sergipe. Juntos eles formaram o SER x CON o superclássico do futebol sergipano.

## 18. SURGE A ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA

A Associação Desportiva Confiança nasceu em 1936, também do sonho de jovens idealistas que desejavam estar inseridos no meio esportivo, assim como muitos outros jovens já estavam. Após assistirem a uma competição de voleibol que acontecia no Bairro Industrial, Joaquim Sabino Ribeiro Chaves, Epaminondas Vital e Isnard Cantalice ficaram entusiasmados e então lançaram o desafio de fundar um clube de Basquete e Voleibol, o que aconteceu rapidamente.

Joaquim Sabino Ribeiro era proprietário da Fábrica Confiança, por isso era detentor de um grande terreno no Bairro Industrial, propício às instalações da associação. Além disso, encontrar atletas para praticarem as atividades esportivas não foi nada complicado, uma vez que os próprios operários foram incumbidos do papel. Por estes motivos, não demorou muito e o sonho se tornara realidade. No dia 1º de maio de 1936 foi fundada a Associação Desportiva Confiança, e ali foi dado início a uma história de grandes conquistas no esporte.

Logo nos primeiros anos, o Confiança começou a mostrar seu potencial competitivo, conquistando várias vitórias na fase amadorista e se sagrando campeão nas Olimpíadas Operárias Sergipana, de 1948. No ano seguinte a associação desportiva se destacou novamente nas maratonas, e em meio as competições de basquete e vôlei foi instigada a formar também uma equipe de futebol, semelhante às fábricas Sergipe Industrial que tinha o Industrial Futebol Clube, um dos primeiros times da capital sergipana, e a fábrica Santa Cruz de Estância que tinha o Sport Clube Santa Cruz, um dos maiores times do futebol do interior. Além disso, havia um time que vinha se destacando cada vez mais no cenário nacional, o Bangu do Rio de Janeiro, da fábrica Bangu. O futebol operário estava em alta, e assim Sabino Ribeiro aceitou o desafio.

No dia 1 de maio de 1949, foi criado o departamento de futebol na associação. A partir daquele dia o Confiança passou a escrever uma bela história para o futebol sergipano, pois desde o início o desejo era um só, o de ser um time grande. E o que faz um time ser grande? Além de conquistas de títulos, um dos fatores que influencia um time ser considerado soberano, é o número de torcedores, ter uma massa seguidora no futebol é sinônimo de grandeza, e conquistar torcedores não foi nada complicado para o time operário.



De forma semelhante às equipes de basquete e vôlei já existentes na associação, o time de futebol também foi formado por operários somados a alguns desportistas do bairro. O bairro em questão tratava-se na verdade de uma vila operária. Quando a Fábrica Confiança foi instituída em Aracaju, a cidade ganhou um novo movimento que levou os governantes a investirem em distribuição de água, saneamento, transporte feito com bondes elétricos, entre outras melhorias. Em contrapartida a Fábrica movimentou a economia, concedeu empregos e criou a primeira vila operária da cidade. Havia uma série de pessoas, famílias gratas e envolvidas com a Fábrica Confiança. Desta forma, o envolvimento com o time proletário aconteceu rapidamente.

## 19. O TIME PROLETÁRIO JÁ NASCEU GRANDE

Com cores azul e branca, o time começou a fazer história no futebol sergipano já em seu primeiro ano. O Confiança fez uma campanha impecável, se mantendo invicto durante toda a competição e apresentando o melhor futebol entre as equipes. No entanto, a equipe não pôde ficar com o título de campeã. “O Confiança jogou em seu primeiro ano de campeonato apenas com o intuito de se preparar para o ano seguinte. A equipe se tornou campeã, mas não pôde ficar com o título em face dos jogadores inscritos de forma irregular. No entanto o time conseguiu cumprir o seu propósito. Conquistou a fama de uma nova equipe, com uma nova filosofia de futebol. Não de técnica, mas de uma equipe cheia de vontade de ser grande, de ser um grande time de fábrica, talvez inspirado no Bangu”, explica o cronista José Eugênio.

Os jornais da época reconheceram essa excelência e noticiavam a bela campanha do Confiança salientando o pesar da equipe perder os seus pontos. O título no primeiro campeonato não veio, mas o time logo conquistou o slogan que “Já Nasceu Grande”. Os torcedores não viam mais o time apenas como uma extensão da fábrica, mas como uma equipe de futebol que chegou para ser protagonista em Aracaju.

Em 1950 o Confiança optou por fazer apenas amistosos preparatórios gerando muitas expectativas. Em 1951 o time veio ainda mais forte para a disputa do campeonato da capital, com uma equipe que até os dias de hoje é considerada uma das melhores. Com toda essa preparação o resultado só poderia ter sido esse, o time operário fez novamente uma grande campanha se tornando campeão de Aracaju. Após essa conquista, o time proletário precisava mostrar que era também o melhor do estado. Naquela época o campeão da capital enfrentava o campeão do interior e assim decidiam o título de campeão estadual. A decisão era contra o Passagem de Neópolis numa melhor de três.

Final de campeonato é geralmente um teste para cardíacos, mas desta vez especificamente, não foi. A pós um primeiro jogo bem disputado, o Confiança não quis mais deixar espaço para que sua torcida sentisse o peso de uma final. No segundo encontro o time da capital goleou o Passagem de Neópolis por 7x1, em uma grande exibição de futebol, não permitindo que o grito de campeão ficasse engasgado por muito tempo.

O crescimento da equipe operária no futebol fez com que o desejo de ter um estádio se tornasse algo latente entre os amantes do Confiança. Atento a este anseio, Joaquin Sabino Ribeiro decidiu construir o estádio proletário, que veio a se chamar Estádio Sabino Ribeiro. A inauguração do estádio ocorreu no dia 1º de maio de 1955. Lotado de torcedores, o time azulino não decepcionou. Venceu o Passagem por 4x0 e garantiu a grande festa no novo estádio. Dias depois da inauguração outra grande partida aconteceu no estádio proletário.

De um lado o Sergipe, time de tradição um dos primeiros a ser formado em Aracaju, um time com torcedores fieis e muito sucesso com as muitas conquistas de campeonato. O time colorado tinha uma enorme bagagem. Do outro lado uma equipe nova, mas que já carregava muito prestígio devido as suas belas campanhas nos campeonatos que disputara. Sergipe e Confiança já haviam se encontrado no campeonato de 49, 51, então o por que enfatizar isso agora?

Sergipe e Confiança é conhecido hoje como o clássico dos resultados apertados, da disputa acirrada, mas neste dia aconteceu um dos placares mais elásticos entre essas equipes. Confiança 6x 0 Sergipe.

Quem tinha alguma dúvida, naquele dia teve a certeza que o Confiança tinha vindo para conquistar tudo o que pudesse e que, se o Sergipe quisesse continuar como um time de expressão na capital não poderia deixar isso “barato”.

## 20. HISTÓRIAS DA RIVALIDADE ENTRE AS EQUIPES

Há mais de 60 anos a história do futebol sergipano vem se confundindo com as histórias de Sergipe e Confiança. Ano após ano essa rivalidade é renovada proporcionando mais intensidade ao futebol do estado. A cada nova disputa o desejo de superar o outro é inflamado. Juntas as equipes já fizeram 19 finais de campeonatos, e partindo do princípio da *rivalidade ad aeternum* é possível dizer que muitas finais ainda virão.

O princípio da *rivalidade ad aeternum* diz que ela deve permanecer até o fim, e é justamente isso que acontece nos clássicos de futebol. O célebre Nelson Rodrigues já dizia “O futebol vive de eternidade. Tudo se acaba. Menos o Fla x Flu.” Parafraseando o mestre é possível dizer que “O futebol vive de eternidade. Tudo se acaba. Menos o Ser x Con.” Guardadas as proporções.

A primeira partida oficial entre essas equipes aconteceu no Campeonato da Cidade de 1949. Não é possível dizer que naquele momento se iniciou a rivalidade entre elas. Mas, não se pode descartar o fato de que desde o início o intuito do Confiança foi o de ser um time grande, talvez o maior do estado, sem ao menos se importar se já existia um time que se autodenominava como o detentor de tal posto. Por isso, pode se dizer que as prerrogativas para o início de uma rivalidade já haviam sido fincadas.

No livro "A História dos Grenais" o escritor/colorado Luis Fernando Veríssimo ressaltou a força do futebol gaúcho explicando: "Não somos bons porque somos mais europeus ou mais fortes, somos bons porque o Internacional precisa ser melhor que o Grêmio que precisa ser melhor que o Internacional que morre se não for melhor que o Grêmio". Essa frase tornou-se famosa entre os gaúchos e entre os mais diversos brasileiros, uma vez que a mesma é aplicável a todos os clássicos de futebol.

O Sergipe era um grande time, mas trilhava um caminho quase solitário, quando surge o Confiança com o desejo de ser maior que o Sergipe. O Sergipe precisou ser melhor que o Confiança que lutou para superar o Sergipe, e assim os dois vêm tornando a história do futebol sergipano cada dia maior e mais empolgante. Quando o time vermelho e o time azul se encontram, tudo pode acontecer, por isso as histórias que os unem e o separam trazem toda beleza e emoção que envolve o futebol.

## 21. O CAMPEONATO DA CIDADE DE 1955

O Campeonato da Cidade de 1955 trazia um elemento a mais para apimentar a disputa. Para os aracajuanos aquele não era só mais um campeonato, era o Torneio do Centenário de Aracaju. Havia uma grande festa em torno desta disputa, pois todos queriam levar a Taça dos 100 anos da capital sergipana.

O Confiança havia formado uma grande equipe para disputar o título daquele ano. As crônicas esportivas da época apontavam a equipe azulina como a melhor do campeonato, o que foi confirmado com a bela campanha do dragão, que no primeiro turno da competição se sagrou campeão de forma invicta, perdendo apenas um ponto no empate com o Vasco. O Sergipe nem mesmo assustou, ficando na quarta posição.

Já no segundo turno a história foi diferente, o time vermelho surpreendeu a todos, e conquistou o título também de forma invicta. Agora era hora de decidir qual equipe era a melhor da cidade, e quem ergueria a taça do Torneio do Centenário de Aracaju. Para tanto Sergipe e Confiança se enfrentariam na série “melhor de três”.

O clima de decisão tomou conta da cidade. Os jornais da época anunciavam os jogos com entusiasmo. “Mais uma vez o público esportivo de nossa capital estará com vistas voltadas para um clássico que se anuncia, como seja: Sergipe x Confiança. Jogo que vem despertando grande interesse por parte dos desportistas em geral, porque se trata de uma pugna será travada entre dois campeões(...)”. Jornal *A Cruzada*. No dia 4 de dezembro aconteceu o primeiro jogo da série no Estádio de Aracaju. A torcida que foi ao estádio não precisou esperar muito para ver um show de bola. Logo aos 4 minutos o Confiança marcou, repetindo o feito outras duas vezes ainda no primeiro tempo. Na descida para o vestiário o placar já era de 3x0 para o time do Bairro Industrial.

De volta à partida o Sergipe quis mostrar que estava vivo no jogo e voltou com mais vontade, apresentando um futebol melhor. No entanto o esforço não se converteu em gol e o placar não foi alterado. Com os 3x0 o Confiança abria boa vantagem na disputa. Mas, durante a preparação para a segunda rodada, surgiram alguns fatos inesperados.

O Confiança tinha construído seu estádio recentemente e acreditava que o segundo jogo seria realizado no Sabino Ribeiro. No entanto a Federação Sergipana Desportos (FSD) declarou que segundo o regulamento do campeonato, os clubes

deveriam competir em estádios neutros, portanto a partida seria no Estádio de Aracaju. A diretoria do Confiança e a federação já haviam entrado em conflito outras vezes, mas desta vez as consequências foram maiores. Os dirigentes do dragão não concordarão com a decisão da FSD, pois para eles já estavam certos que a partida seria lá e não aceitavam essa mudança, assim eles resolveram em uma reunião que iriam acabar com o clube.

A notícia foi um choque. A torcida do dragão não podia acreditar nesta decisão. Após muito apelo dos desportistas e da grande manifestação da torcida, os dirigentes do time azul voltaram atrás e decidiram continuar com o time. Porém a participação do clube naquele torneio do centenário terminaria ali, e o Confiança se desvinculou também da federação.

Quem agradeceu este tamanho impasse entre o Confiança e a federação foi o Sergipe, que sem muito esforço foi declarado campeão da cidade. Esta polêmica do campeonato de 55 é vista até hoje com maus olhos pela torcida proletária. Para eles o Confiança foi lesado, e o Sergipe beneficiado. No entanto existe outra versão para essa história.

Segundo o professor Vilder Santos, não houve mudança alguma no local do jogo. Já estava certo que os jogos seriam realizados no Estádio de Aracaju. “O jornal *A Cruzada* de 03/12/1955 trouxe a notícia muito clara de que os jogos seriam lá. Todos sabiam disso, e no dia 10/12/1955, um dia antes da segunda partida, o jornal trouxe a matéria que também citava o Estádio de Aracaju como local do jogo. O que realmente aconteceu foi o seguinte, o Confiança tinha jogadores irregulares em seu quadro e os dirigentes do time do Vasco descobriram e contaram para os dirigentes do Sergipe”, explica.

A relação entre a diretoria do Vasco e a do Confiança não era das melhores, pois as duas equipes eram grandes rivais na prática do basquete. Assim, o time cruzmaltino não hesitou em provocar o time proletário, mesmo sendo em outra modalidade esportiva.

Com a posse das informações sobre o Confiança, o Sergipe se preparava para entrar com uma ação contra o rival que perderia os pontos. “Quando o Confiança soube disso, criou toda essa polêmica em torno de onde seria o local do jogo e se desvinculou da federação. Mas veja só, o Confiança já tinha ganhado a primeira partida por 3x0, e

tinha um time melhor, com mais volume de jogo. O Estádio de Aracaju era um local neutro, não tinha razão alguma para o Confiança sair da competição”, conclui Vilder Santos.

Distante da polêmica, o Sergipe fingiu não ter nada a ver com tudo aquilo. Após conquistar o título da cidade, o esquadrão colorado queria o título de campeão absoluto do estado, e assim partiu para mais uma série melhor de três, desta vez contra o Santa Cruz de Estância que havia sido campeão do interior. Os jogos foram bem disputados e o título só foi definido na última partida, quando o Sergipe venceu por 2x1 e foi consagrado como o campeão absoluto do estado.

## **22. A POLÊMICA CONTRATAÇÃO DE JOÃOZINHO DA MANGUEIRA**

Outro episódio que acirrou ainda mais a rivalidade entre os dois clubes foi a polêmica contratação do ponta-esquerda Joãozinho da Mangueira, no ano de 1976. João Marques, o Joãozinho da Mangueira, começou sua carreira muito jovem, nos campos de várzea do bairro em que morava, o Grageru. Aos 12 anos foi convidado para integrar o clube infantil do Sergipe onde teve sua primeira oportunidade. O então professor da federação, Ariston Dias, baseando-se nos times do Rio de Janeiro, implantou no estado as equipes de “dentes de leite”. As crianças, abaixo dos 12 anos, que não tinham espaço para jogar, formavam equipes que se enfrentariam durante os intervalos entre o primeiro e segundo tempo dos jogos. Era um espaço curto, 15 minutos para os 22 jogadores mirins mostrarem seu talento diante dos olhares atentos do público que comparecia ao estádio com a intenção de torcer para os times profissionais, mas que acabava se rendendo aos passes dos pequenos.

Esses espaços serviram como vitrine e logo em seguida João já estava disputando o campeonato infanto-juvenil. Do juvenil para o profissional foi questão de dias. Com 14 anos já integrava o time principal do Club Sportivo Sergipe e no seu primeiro jogo brilhou marcando quatro gols na vitória do Sergipe de 4 x 0 em cima do Propriá fora de casa.

O garoto se tornou ídolo no Sergipe, ajudou o time na conquista de três títulos estaduais. Apesar disso, nunca recebeu sequer um salário ou qualquer quantia que fosse pelos títulos conquistados. Naquela época, jogadores menores de idade eram considerados amadores, mesmo atuando em times profissionais e não eram pagos pelos clubes.

Nessa época a entidade máxima do futebol era a Confederação Brasileira de Desportos, CBD. A entidade era responsável pela organização de todos os esportes no país. Porém em 76 foi extinta, dando origem às confederações próprias de cada modalidade esportiva, como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Quando a CBD deixa de existir, suas leis, regras e contratos são extintos também. A partir daí passa valer apenas a autonomia da CBF. Sendo assim, os jogadores não pertenciam mais aos clubes, os contratos estavam inválidos, era preciso se adequar à nova instituição.



E foi assim que começou a articulação dentro da Associação Desportiva Confiança para trazer o Joãozinho para o clube do bairro industrial. Dirigentes do Confiança que possuíam uma visão mais ampla da situação e que conheciam as novas leis, anteciparam as ações do Sergipe, que até então não havia tomado nenhuma atitude. Ofereceram ao jogador 3 mil cruzeiros, uma televisão e um fusca 67 azul. Para o menino que jogava por prazer e que nunca havia recebido pelas conquistas alcançadas, a oferta foi de encher os olhos.

João aceitou, assinou o contrato e a confusão estava instaurada no João Hora. Dirigentes e torcedores do Sergipe caracterizaram a ação como uma traição, um golpe. Acusaram o jogador de se vender por dinheiro e até inimizades foram criadas. Sabiamente os dirigentes do Confiança afastaram o jogador da agitação e levaram o garoto para Salvador, onde passou 10 dias treinando no Esporte Clube Vitória, até os ânimos em Aracaju se acalmarem.

“Tinha 16 anos, não tinha maldade. Depois que voltei da Bahia que fui ter noção da situação. Tem amigos meus torcedores do Sergipe que são de mal de mim até hoje por causa disso. Um amigo chamado Messias, amicíssimo meu de toda concentração estar lá comigo, me ajudava com o que eu precisava, ajudava minha família. Depois que eu fui para o Confiança, esse homem até hoje muda de lado se me vê na rua. Mas não olhou minha situação, que eu não ganhava nada, jogava no Sergipe gratuitamente enquanto outros jogadores vinham de outros estados ganhavam dinheiro”, lembra Joãozinho da Mangueira.

Os torcedores proletários receberam Joãozinho com alegria. Compareciam aos estádios, faziam a festa nas arquibancadas cada vez mais empolgados com os resultados que o time imprimia dentro de campo e as atuações de João fizeram ele ocupar o posto de ídolo do Confiança.

A primeira partida contra o Sergipe foi marcada pela hostilidade dos alvirrubros para com o jogador, vaiado sempre que tocava na bola. Mas isso não impediu a vitória do Confiança e nem abalou o futebol do craque do time. Naquele ano o Confiança sagrou-se campeão estadual mais uma vez, agora com a ajuda do novo camisa 11, acirrando ainda mais a rivalidade com o Sergipe, que atribuiu o título à “Traição de João”.

Joãozinho permaneceu no Confiança por dois anos, quando foi vendido por 50.000 de cruzeiros para o Santa Cruz; Maior venda da história do Confiança até os dias atuais, porém o jogador nunca recebeu nada pela transação.

### **23. TAÇA DINHÔ MELO**

Ser campeão é bom, e quando a conquista do título vem em cima de seu maior rival é ainda melhor. No mundo do futebol, nada é melhor que vencer um clássico, assim, não é por acaso que os torcedores do Sergipe adoram falar sobre a conquista da Taça Dinhô Melo. A disputa por este torneio com certeza acentuou a rivalidade entre Sergipe e Confiança. As duas equipes travaram disputas acirradíssimas em busca deste título.

Criada pelo estimado Dinhô Melo, presidente da Liga de Esportes Atlético, na época, a taça não exigia que as equipes da capital sergipana se saíssem bem em uma partida ou um campeonato. Era necessário muito mais para tê-la nas mãos, era preciso um empenho de anos. A sua conquista dependia do êxito da equipe ao conquistar 3 campeonatos consecutivos ou 5 alternados. “Foi uma demora louca para a conquista desse título, houve uma época que a competição foi interrompida em face da Revolução de 30, então a Taça ficou parada. Foi uma luta muito grande dessas equipes pela conquista do título”, conta José Eugênio de Jesus.

Com a bola rolando, o Sergipe saiu na frente e conquistou o campeonato de 1943, não teve êxito em 44, mas no ano seguinte voltou a vencer. Depois da conquista de 1945 as coisas não se seguiram tão bem e a próxima conquista só veio acontecer dez anos depois, voltando a se repetir em 1960. O time vermelho e branco agora já somava 4 títulos, faltava apenas um para a conquista do título. Chegado então o ano de 61, o pensamento era um só; conquistar a Taça Dinhô Melo.

O dia da partida decisiva ninguém lembra ao certo, mas seria isso tão relevante à história já que existem outros fatos que não saem de maneira nenhuma da memória? O primeiro fato que ninguém consegue esquecer foi o local onde tudo aconteceu, Estádio Sabino Ribeiro, casa do Confiança. O segundo foi o nó que os torcedores rubros sentiram na garganta. “Lembro bem que quem abriu o placar foi o Confiança. Jogando dentro de casa eles saíram na frente”, conta o cronista Eugênio de

Jesus. Após abrir vantagem no placar, parecia que o Confiança tinha conseguido colocar água no sonho do rival. A festa era da torcida azul.

Depois de se recompor do susto, era hora do Sergipe reafirmar que estava ali com um único intuito, o de ficar com a Taça. Movido por esse sentimento o time vermelho chegou ao gol de empate com o lateral direito Delmar e logo ampliou o placar com a habilidade de Tomaz. O placar marcava agora 2 a 1 para o Sergipe. O título era alvo e rubro e não era um título qualquer, era o título de uma disputa de anos, e por ironia do destino a festa aconteceu dentro do Estádio Sabino Ribeiro. A festa vermelha tomou conta do estádio azul.

A Taça Dinhô Melo, marcou a história destas equipes. Para José Eugênio, este “foi o maior prélio de futebol entre essas duas equipes”. Dada essa importância, é justificável o ensejo dos torcedores do Sergipe em ver e tocar na taça sempre que chegam ao memorial do clube. E tem um torcedor em especial que faz isso todos os dias. Edson Silva, mais conhecido como Edson Dida é o responsável pelo memorial do clube há dez anos. Antes de sua chegada não era tão simples contemplar o símbolo da conquista.

Dida é um torcedor dedicado a pesquisar sobre a história de seu clube. Músico e apaixonado por hinos, decidiu saber mais sobre o hino do clube colorado. “Eu fui até o Clube Sportivo Sergipe para fazer pesquisa sobre o hino do clube e quando cheguei lá ninguém sabia nada. Eu fiquei sem acreditar naquilo”, revela.

Após essa visita, a situação de quase abandono em que se encontravam as taças, os troféus e outras memórias do clube tornou-se notável. Então o torcedor não pensou duas vezes e procurou o atual presidente do clube. “Depois de me deparar com a situação fui até o presidente e pedi para ser responsável pelo memorial de forma voluntária. Primeiro ele hesitou, mas depois aceitou”, conta Dida.

Com o memorial montado Edson Dida zela para que a Taça Dinhô Melo e os outros artigos da memória colorada permaneçam em perfeito estado. “Todos os dias eu limpo as taças, arrumo e destaco a Dinhô, pois essa foi uma conquista incrível. Quando os torcedores mais antigos do Sergipe chegam ao memorial sempre perguntam, onde está a Taça Dinhô Melo? Existe um carinho muito grande dos torcedores com esse torneio que foi realmente marcante”, ressalta.

## 24. AS DUAS FACES DA MESMA MOEDA

Quarta-feira, 6 de maio de 2009. Aracaju vive clima de decisão. Torcedores do Confiança e Sergipe desfilam orgulhosos pela cidade, trazendo no peito o brasão de seus times de coração. Esta não era uma final de campeonato comum.

De um lado o Club Sportivo Sergipe que, após passar grande parte da competição nos últimos lugares da tabela, obteve uma impressionante reação ao ponto de conquistar uma vaga na final com a vantagem do empate, já que havia garantido a vitória por 2x1 no primeiro jogo. Este era o ano do centenário do Gipão e a fantástica reação trouxe de volta o ânimo dos torcedores, jogadores e comissão técnica. Ressurgia ali a esperança de acabar de vez com o jejum de 5 anos sem título.

Do outro estava o Dragão do Bairro Industrial. O clima não era o mesmo de duas rodadas atrás. O time havia perdido a vantagem, e precisava vencer para sagrar-se bicampeão estadual. Mas para isso precisaria passar por cima de algumas adversidades. A diretoria resolveu atender aos pedidos da torcida azulina e demitiu o treinador Luiz Carlos Cruz faltando 10 dias para a grande decisão. Nadélio Rocha, o auxiliar técnico comandaria a equipe nos 3 jogos restantes. O time precisaria adquirir, em tempo recorde, entrosamento com o novo técnico e suprir a falta de jogadores titulares lesionados. A missão não era fácil, mas não desanimou a torcida que compareceu em grande número no palco da grande decisão.

20:20. Como de costume, o público sergipano deixa para lotar as arquibancadas do Estádio Estadual Lourival Baptista, o Batistão, minutos antes do árbitro Paulo César de Oliveira dar o apito inicial. O torcedor atendeu ao pedido da imprensa que, durante a semana, fez campanha para que a população voltasse ao estádio. 8.785 presentes. Não é um número excepcional, mas foi o maior público do campeonato que tem passado por problemas de evasão nos estádios.

Os vinte primeiros minutos foram de equilíbrio e respeito entre os times. As duas equipes cautelosas e estudando o adversário. Chances para ambos os lados. Até que aos 23 minutos, após um ataque mal sucedido do Sergipe, o Confiança partiu rapidamente para o contra-ataque com a defesa adversária ainda desestruturada. Theo recebe o cruzamento de Zé Paulo livre dentro da grande área e aí foi só tocar de pé esquerdo com tranquilidade para o fundo do gol, sem chance para o goleiro Max.

A torcida proletária, que até então estava apreensiva, explode no Batistão. Agora não existe mais a vantagem do Sergipe, e é a vez do torcedor alvirrubro se preocupar, enquanto os azulinos fazem a festa. A partir daí o Confiança passa pressionar e a cada jogada de perigo o grito “Dragão” ecoa nas arquibancadas. Até que aos 25 minutos o volante Robinho do Confiança para o ataque do adversário dando um carrinho por trás no camisa 10 do Sergipe, Marquinhos, atingindo-o no tornozelo direito na disputa da bola. O árbitro Paulo César de Oliveira não teve dúvidas e mostra direto o cartão vermelho para o camisa 8.

Com um jogador a mais ainda no primeiro tempo, o Sergipe cresce novamente e o jogo fica ainda mais acirrado com chances desperdiçadas pelos dois lados. No segundo tempo o time alvirrubro domina completamente a partida, aproveita os espaços em campo e parte para o ataque incansavelmente buscando o gol de empate. Quando aos 25 minutos, Zé Paulo chuta de fora da área e marca o segundo gol do Confiança. O Sergipe pressiona, cria oportunidades, mas não adianta. Na noite daquela quarta-feira o Confiança sagrou-se bicampeão estadual e aquele jogo marcaria a memória de proletários e colorados, por motivos distintos.

## 25. TORCIDAS ORGANIZADAS

Em dia de SER x CON o Batistão é tomado por milhares de torcedores. É neste dia que o recorde de público do Campeonato Sergipano acontece. Com o estádio dividido ao meio, o azul e o vermelho começam a duelar, os nervos ficam a flor da pele, o som vindo das arquibancadas ecoa em toda parte, as bandeiras se agitam, é começada a festa. De um lado torcedores esbravejam pedindo um pênalti, do outro o juiz é aplaudido por entender que o lance havia sido de simulação. Uns comemoram o gol, outros elevam a mão cabeça e lamentam.

Com base na descrição é possível dizer que o acontece no Ser x Con poderia ser aplicado a qualquer clássico de futebol, poderia, caso não existisse uma torcida que faz desse encontro único. As torcidas do dragão e a do colorado são responsáveis por dar sentido à essa disputa, em especial as torcidas organizadas que desde que foram criadas trouxeram mais força e dinamismo para o futebol sergipano.

As primeiras Torcidas Organizadas do estado surgiram no final da década de 80 com a Torcida Trovão Azul (TTA), formada por torcedores do Confiança, e a Gigante Rubro formada por torcedores do Sergipe. Logo após surgiu a Torcida Jovem, (TJ), resultante de um conflito interno da TTA, e posteriormente a Torcida Esquadrão Colorado, constituída por outro grupo de torcedores do Sergipe. A criação dessas torcidas representava uma nova forma de viver o futebol.

No final da década de 80 o Brasil não era mais um desbravador do futebol, ele já era o esporte da pátria por excelência. Torcedores não viam mais o esporte apenas com mero entusiasmo, ele era um patrimônio cultural. Na crônica “Futebol é Paixão” do livro “Pátria de Chuteiras” de Nelson Rodrigues, o cronista ressalta que antes do futebol o Brasil não ganhava nem cuspe à distância e revela a mudança de postura que o povo teve ao se ver como campeão através daqueles que vestiam a amarelinha.

Esse novo Brasil concebido através do futebol ao qual o cronista se refere teve início após a conquista da primeira Copa do Mundo em 58, imagina no final da década de 80 quando o Brasil já era tricampeão mundial, e o futebol brasileiro já havia passado por um forte processo de expansão e torcidas organizadas já se faziam presentes em outros lugares. Nesta época ser um torcedor comum era muito pouco para os mais fanáticos. Eles precisavam de mais e as torcidas organizadas tornaram-se o elemento que

faltava. A nova agremiação era a institucionalização de um grupo social dedicado ao futebol.

Atualmente as Torcidas Trovão Azul (TTA) e Esquadrão Colorado (TEC) são as maiores do estado. A Trovão conta com 400 membros e a Esquadrão com 500. Ambas surgiram apenas da satisfação de fazer parte de um grupo e do desejo de torcer pelo time de coração. Mas, baseando-se na representatividade que o futebol trouxe para vida dos brasileiros, é preciso ressaltar que o futebol pode ser também um causador de conflito, pois nem sempre o resultado é o de ser campeão.

O futebol elege melhores, piores, perdedores e ganhadores, e é preciso saber lidar com esse conflito. Para alguns torcedores essa é uma tarefa fácil. Depois de horas de discussões saudáveis e de encontrar alguns culpados para o fracasso o conflito é sanado. Já para outros é mais complicado. Para aqueles que têm o fanatismo arraigado, que se veem através do time, esse conflito precisa ser vivido e para vive-los as organizadas se dividem entre a disputa ritualizada pelo futebol e o confronto direto.

Em Sergipe, tornou-se comum, por exemplo, que torcedores da trovão e da esquadrão tomassem as camisas da torcida adversária como uma espécie de troféu. As músicas, que antes eram uma demonstração de amor ao clube, passaram a ofender os torcedores rivais. Ver brigas entre as torcidas em dias de jogos tornou-se algo comum, e em algumas delas o resultado são vítimas fatais. Sergipe já chegou ao triste número de 15 vítimas na guerra entre torcidas.

As torcidas organizadas tornaram-se aos poucos não só um agrupamento voltado para torcer como também um espaço para que torcedores manifestassem seus antagonismos. Após uma análise feita pela justiça nas torcidas locais foi possível notar que pessoas que não se conheciam se tornavam inimigas apenas pelo fato de estarem vestidas com camisas de torcidas rivais. A partir do fardamento, o outro era identificado como oponente. Por este motivo não é mais possível ver a torcida uniformizada em dias de jogos. A justiça proibiu o uso dos fardamentos como uma forma de prevenção.

Por causa da violência gerada pela atuação das torcidas organizadas torcedores tidos como comuns passaram a dividir opiniões, se afastarem dos estádios. As organizadas, responsáveis por fazer a festa nos estádios, têm atrapalhado também. Para o torcedor Pedro Henrique Santos, “a violência entre as organizadas tem tomado uma

proporção muito grande. Eu vejo o fim delas como uma solução, assim o futebol vai voltar a ser apenas a festa bonita que tem que ser, sem violência”.

O torcedor Diego Santana não concorda. “Sou a favor que continue existindo as organizadas, entretanto devem existir várias mudanças como o cadastramento dos torcedores, que só entrariam nos estádios com a carteirinha, facilitando a identificação dos vândalos”. Para mim o problema não está na torcida em si, mas nas pessoas que se infiltram nas torcidas e não vão apenas com o intuito de torcer”.

Confiança e Sergipe são grandes e permanecem até hoje por causa de seus torcedores. São eles que impulsionam o time cantando sem parar, são eles que acompanham os times quando vão jogar fora do estado. No caso das organizadas nem sempre é possível que todos os membros viajem devido ao custo, mas eles sempre enviam ao menos um torcedor representante. Em datas comemorativas dos times as organizadas garantem a festa. Além disso, os grupos promoverem ações desvinculadas do futebol como dia das crianças e doação de sangue.

A torcidas de Sergipe e Confiança representam a alegria de quem já pisou numa arquibancada, são elas que promovem a agradável sensação de ver um bandeirão subindo. Provocam adrenalina ao cantarem com força o jogo inteiro, provocam o frio na barriga antes dos clássicos e decisões. As torcidas dão vida aos seus times. As torcidas duelam por causa de Sergipe e Confiança e Sergipe e Confiança duelam por causa de suas torcidas.



## 26. 'ESTÁDIO LOURIVAL BATISTA – O PALCO DO CLÁSSICO

Um grande clássico merece também um grande estádio, e depois que o Adolpho fechou isso ficou ainda mais evidente. Os desportistas buscavam alternativas para disputarem as partidas e procuraram o poder público para intervir na situação. Atendendo os apelos, o então governador José Rollemberg Leite decidiu tirar da gaveta o antigo projeto do Estádio de Aracaju feito em 44, no entanto o estado passava por um momento financeiro ruim e mesmo o governador se comprometendo a realizar apenas parte do projeto, ainda não havia dinheiro suficiente para as despesas calculadas para a concretização da obra.

Diante de tal situação surgiu à ideia de utilizar a mão-de-obra de detentos da penitenciária. A sugestão foi aceita e vários detentos realizaram trabalhos de pedreiro e carpinteiro para quitar as dívidas com a justiça. A construção do Estádio de Aracaju foi uma obra altamente fiscalizada, além dos engenheiros, a justiça esteve supervisionando toda obra, e foi com todo esse esforço que ele foi feito. O Estádio de Aracaju se tornou o principal campo de futebol da cidade, e jogos importantes passaram a ser disputados lá, no entanto ele ainda não atendia as necessidades, muito menos as expectativas dos desportistas sergipanos.

Já em 1967 o público sergipano foi surpreendido com a notícia de que o então governador Lourival Batista, iria construir um novo e belo estádio, que traria grandes craques do futebol brasileiro para Aracaju. Poucos acreditaram nessa história, mas a promessa foi realizada e em tempo recorte, apenas nove meses, o novo campo de futebol ficou pronto. O Estádio Lourival Batista era moderno, contava com um gramado impecável e a prova de inundações, arquibancadas, cerca de 3 mil cadeiras, vestiário, cabines de imprensa, e no dia 9 de julho 1969 estava pronto para ser inaugurado com uma grande festa.

A inauguração movimentou todo o estado, desde as 11 horas da manhã pessoas da capital e do interior se deslocavam para o local que só iniciaria as solenidades às nove horas da noite. Mas o fato é que ninguém queria perder a oportunidade de ver de perto uma obra monumental que teria como presença ilustre a Seleção Brasileira. As feras de Saldanha estavam se preparando para a disputa da Copa do Mundo de 70, que seria realizada no México, e incluiu no calendário o jogo amistoso contra a Seleção Sergipana. O torcedor Valmir Ramos foi um destes que logo cedo quis conquistar sua vaga. “Às

quatro horas da tarde eu já estava lá. Aquele dia era muito especial, eu fui na ansiedade de ver o futebol sergipano, ver a seleção e o estádio”, conta Valmir.

Às 20 horas e 30 minutos as festividades foram iniciadas, o governador Lourival Batista, acompanhado de outras personalidades como: o governador da Bahia Luiz Viana Filho, o prefeito de Salvador Carlos Magalhães e o arcebispo Dom Vicente Távora, surgiram do túnel a direita das cabines de rádio e foram ovacionados por aproximadamente 48 mil pessoas, o público ficou ainda mais extasiado quando as seleções começaram a sair pelo túnel da esquerda, principalmente quando Pelé entrou em campo.

Após o momento de saudações ao público as duas seleções se perfilaram em campo, e a programação seguiu com a entoação dos hinos, primeiro o do Estado de Sergipe e em seguida o Hino Nacional Brasileiro, após este momento solene o governador Lourival Batista deu o chute inicial e era hora do jogo.

Quando a bola começou a rolar só foi preciso cinco minutos para que saísse o primeiro gol da história do Batistão e o craque responsável pelo prodígio foi o volante da Seleção Brasileira, Toninho Cerezo. Aos 20 minutos o sergipano Clodoaldo aumentava a vantagem para o Brasil, esse era só o início da goleada que terminaria em 8x2, para Seleção Brasileira.

O primeiro gol da Seleção Sergipana saiu após o terceiro da equipe adversária, o proletário Vevé acertou um belo chute na gaveta do goleiro Félix, levando a torcida ao delírio. “Eu lembro bem desse gol. Vevé era conhecido como o canhão do Bairro Industrial, por causa do chute forte que ele tinha, e nesse dia ele acertou um chute incrível de fora da área. O goleiro Félix nem viu a cor da bola”, relembra Valmir.

Valmir Ramos é um torcedor diferente da maioria dos torcedores que vão ao estádio. Ele conta que não gosta de ficar perto de muitas pessoas. “Gosto de ficar afastado, sozinho, não gosto nem mesmo de gritar ou vibrar. Meus amigos me questionam, dizem que eu sou muito quieto no estádio. Mas eu prefiro, por que assim guardo todos os detalhes da partida”, explica Valmir.

Seja por causa desse ritual ou não, fato é que aquela noite não sai da memória de Valmir Ramos. “Eu vi o Pelé dar uma assistência para o Jairzinho com um lançamento

da ponta esquerda para ponta direita. A bola encobriu todos os zagueiros! Lembro do gol do Clodoaldo e o do gol de Fernando pelo lado esquerdo”.

## 27. CONCLUSÃO

A história de um clássico de futebol vai além de um relato sobre o passado dos times. Contar a trajetória de uma rivalidade é revelar a representatividade que o futebol exerce na sociedade, é demonstrar que a oposição existente entre times de futebol descende de uma série de fatores, e não se alimenta apenas de vitórias ou derrotas em dias de jogos.

Existem vias de mãos dupla. Sergipe e Confiança são opostos e se precisam, um precisa superar o outro para se compreenderem como times de maior expressão. Os torcedores se sentem fortes e vitoriosos através das trajetórias dos times e os times precisam dos torcedores para se constituírem como fortes e encontrarem sentido para serem campeões.

Confiança e Sergipe oferecem aos aracajuanos um poder de escolha. Através de experiências individuais com as equipes é possível decidir alguém para lhe representar, alguém para sustentar seus anseios e antagonismos. As histórias que unem e separam essas duas equipes remontam o movimento do futebol em Aracaju. A rivalidade entre eles jamais acaba, por isso o seu relato também jamais ficará fixo no passado. A história da contratação de Joãozinho da Mangueira, a rivalidade entre as torcidas organizadas, a conquista da Taça Dinhô Melo, permanecerão vivas a cada novo torcedor que entrar em contato com elas.

A narrativa dessa rivalidade permite uma compreensão ampla sobre o futebol local, além disso, permite que personagens importantes para o futebol sergipano, que viveram dias de glória e que hoje estão na contramão desse caminho possam ter voz novamente. As experiências de cada ex-jogador relatada serão multiplicadas a cada leitor que passe a conhecê-las e a apreciar seus feitos. Preservar e valorizar o passado permite que o amor ao futebol se mantenha vivo.

## APÊNDICE

### **28. HISTÓRIAS DE GLÓRIA DO TIME COLORADO**

#### **SERGIPE CAMPEÃO ABSOLUTO NO CAMPEONATO ESTADUAL**

Após a construção do Estádio Adolpho Rolemberg o campeonato amador passou a ter disputas cada vez mais intensas. Sergipe e Cotinguiba trilhavam o caminho que havia sido pressuposto por seus fundadores, e a cada nova partida acentuava-se uma disputa entre eles. No primeiro e no segundo campeonato disputado, os títulos ficaram com o Cotinguiba, o que deixava o time alvirrubro ainda mais desejoso em conquistar um título.

Iniciado o ano de 1922, o Sergipe resolveu reformular o time trazendo os jogadores da categoria de base para equipe principal. A estratégia adotada pelo Sergipe parecia ousada, já que o Cotinguiba e o Industrial estavam reforçando suas equipes com craques vindos de grandes times do futebol baiano já com experiência em campeonatos. No entanto é possível dizer que a decisão do Colorado foi a mais acertada.

Quando o Campeonato Estadual teve início, um acontecimento se tornou repetitivo, as vitórias do Sergipe. A cada partida disputada, a equipe mostrava superioridade naquela competição. O resultado desta campanha foi o título de campeão estadual de forma invicta e com apenas três empates. No ano seguinte a festa voltou a ser do Cotinguiba que ficou no lugar mais alto do pódio.

Com as conquistas de campeonatos, Cotinguiba e Sergipe se consolidavam como os maiores da capital sergipana. A empolgação com as equipes se refletia em uma competição feita pelo povo para ver quem levaria o maior público ao estádio, com direito a forte comemoração para os campeões. O número de torcedores crescia a cada novo campeonato, e os do Sergipe passaram a se multiplicar conforme as conquistas do clube.

O time azulino oscilava muito em suas campanhas dentro de campo, e o Sergipe aproveitou isso muito bem. O time deslanchou tronando-se campeão nos anos de 1924, 1927, 1928, 1929, 1932, 1933.

O time rubro vinha fazendo grande festa nos campeonatos, mas com a prática do futebol cada vez mais aquecida em Aracaju, novas equipes como Vasco, Paulistano, Palestra, Olímpico entre outras, passaram a fazer parte do cenário futebolístico da cidade. Com a presença de novas equipes, surgiram também novos adversários.

No ano de 1934, o Palestra Futebol Clube chegou decidido a acabar com a festividade alvirrubra. Exibindo um bom futebol, formado por uma grande equipe, o time do Palestra começou a colecionar vitórias no campeonato, era outro azulino cruzando o caminho do time rubro.

E não deu outra. Nos campeonatos de 34 e 35 os donos da bola foram os atletas do time azulino, que se sagrou campeão nas duas ocasiões. Dessa grande disputa entre as equipes, uma partida tornou-se memorável. Para os alvirrubros a lembrança não é das melhores.

O cronista esportivo José Eugênio de Jesus, diz não esquecer essa partida, pois o Sergipe saiu na frente no placar e tomou uma virada histórica. “Apesar de não lembrar as datas e os números da partida, não esqueço esse dia. O Sergipe jogou o tempo todo melhor, mas, fraquejou no final do jogo. Na época eu trabalhava no Sergipe Jornal e então dei a notícia, ‘Sergipe é arrasado nos últimos 7 minutos de jogo’. Por esta manchete, recebi uma ligação de um colega me questionando, porque não tinha gostado de como eu falei do Sergipe. Então falei para ele que apenas tinha feito o meu trabalho e relatei o fato”, conta José Eugênio.

A insatisfação do torcedor não durou muito, a derrota foi sofrida, mas não abalou a equipe do Sergipe que voltou a ser campeão em 1940, 1953 e 1955. Com esses resultados o Sergipe se tornou hexacampeão pela primeira vez, já que nos anos de 1925, 1926, 1930 e 1931 não houve campeonato. Com essas boas campanhas o título de “Gigante Rubro” se tornava cada vez mais adequado ao time, e o Gigante queria ainda mais. Além das muitas conquistas no estado, o Sergipe passou a se destacar também no cenário do futebol nacional. Vitórias memoráveis contra times consagrados campeões enaltecem o nome do alvirrubro fazendo surgir o novo slogan.

## **“SERGIPE O DERRUBADOR DE CAMPEÕES”**

Os torcedores colorados, principalmente os mais antigos, continuamente se referem ao Sergipe como o ‘Derrubador de Campeões’. O lema surgiu após o time alvirrubro conquistar várias vitórias sobre os times campeões de outros estados brasileiros, e segundo o cronista esportivo José Eugênio “esse slogan foi dedicado ao Sergipe com total merecimento”.

O cronista ressalta que a adjetivação não é uma mera exaltação de torcedores. “O Bangu, por exemplo, era campeão carioca. Não perdia há 15 jogos e acabou perdendo a invencibilidade aqui, perdendo para o Sergipe por 2x0”, explica o cronista.

A partida entre Sergipe e Bangu marcou a história do torcedor José dos Santos Freire, conhecido como Zé Nozinho. “Sou torcedor do Sergipe há 60 anos, e essa partida contra o Bangu ficou na minha memória, porque foi um confronto contra um grande time. O Bangu veio para cá campeão, cheio de bons jogadores, mas chegou aqui apanhou. Lembro também do Sergipe vencendo o América do Rio por 3 a 1. Essas coisas a gente não esquece”, relembra Zé Nozinho.

Além destas vitórias sobre os times do Rio, destacam-se também as vitórias nas disputas regionais. Houve uma fase no futebol brasileiro em que as disputas por regiões era muito comum, fosse em competições ou amistosos. Assim, o Sergipe conquistou seu espaço no Nordeste ao vencer vários campeões regionais um deles o Botafogo, campeão baiano. O Botafogo passou por Sergipe para fazer vários jogos. No primeiro contra o Vitória, os campeões da Bahia venceram fácil, com placar de 5 a 1. O jogo seguinte seria contra o Sergipe. Na tarde de domingo de 15 de março de 1936 o Sergipe arrasou o Botafogo baiano por 4 a 2.

Além desta vitória destacam-se também as vitórias contra a seleção do Ceará por 1 a 0 em 1926; 3 a 1 sobre a seleção de Alagoas em 1940; e a histórica goleada sobre o Vitória por 8 a 2 em 1942. Estas conquistas se tornaram grandes na história do time colorado por ser ele o time local que mais vencia os campeões de outros estados. Sempre que essas equipes passavam por Aracaju para realizarem partidas interestaduais, times como Cotinguiba, Brasil, Vasco acabavam perdendo, já o Sergipe saía vencedor.

## HEXA É LUXO

A década de 90 foi marcada pela conquista de um dos títulos mais importantes para o Sergipe. Entre os anos de 1991 e 1996, o colorado tornou-se hexacampeão estadual, a maior conquista consecutiva de estaduais de um time sergipano.

O primeiro título da campanha é considerado pelo torcedor colorado como o mais emocionante. O Sergipe entrou na fase final quatro pontos atrás do seu arqui-rival Confiança e numa virada espetacular venceu uma série de três partidas contra o time azulino e conquistou o sergipano daquele ano. Nesta campanha de conquistas, três foram contra o Confiança, uma contra o São Cristóvão de Carmópolis, uma contra o Vasco e outra contra o Olímpico de Itabaianinha.

A 73ª edição da divisão principal do campeonato estadual consagrou o Sergipe, que conquistou seu 29º título na história da competição, em cima do Vasco/SE. O público no estádio era regular, e logo que os dois times entraram em campo surgiu a primeira disputa. Quem ia trocar de uniforme, já que os dois clubes vestiam camisas brancas? Segundo o regulamento, o time mandante é quem deve trocar. Sendo assim, o público teve que esperar mais alguns minutos para que o Vasco voltasse do vestiário e, finalmente, iniciasse a partida.

O nervosismo marcava os jogadores dos dois lados, principalmente nas finalizações que não levaram muito perigo aos goleiros. O jogo terminou 0 x 0, sagrando o Sergipe como Hexacampeão, já que o colorado tinha a vantagem do empate. O torcedor fez a festa, invadindo o gramado e houve até quem cruzasse o campo de joelhos, agradecendo pela conquista que até os dias atuais não foi alcançada por mais nenhum outro time no estado



## 29. HISTÓRIAS DE GLÓRIA DO TIME AZULINO

### A GRANDE EQUIPE DE 1962

A trajetória do Confiança seguia cheia de realizações, mas um jejum começava a incomodar. Campeão em 54, o time azulino chegava ao ano de 62 sem conquistas. A falta de títulos fez com que os dirigentes do Confiança fossem em busca de jogadores de destaque, com o intuito de formar a melhor equipe possível para a disputa do campeonato Estadual, assim, nomes como Ruiten (Ipiranga da Bahia) e Beto (Cotinguiba) passaram a fazer parte da equipe azulina, que é lembrada até os dias de hoje como uma das melhores equipes já formada pelo Confiança. “A Equipe formada pelo Confiança em 62, era muito boa, muito forte e competitiva. Beto e Ruiten logo se entrosaram, era bom ver essa equipe jogar”, relembra o professor e radialista Vilder Santos.

A equipe de craques montada pelo Confiança logo começou a mostrar potencial na disputa do Campeonato Estadual, chegando a final contra o Vasco. Na primeira partida da melhor de quatro a equipe proletária levou uma “cacetada” de 4x1. Após a trágica derrota, outra medida foi adotada pelo Confiança, desta vez a modificação veio do então técnico, Ariston Dias, que decidiu incluir jogadores da categoria de base na equipe principal. Um dos jovens talentos a conquistar esta oportunidade foi Wilson Mendonça, mais conhecido como Wica. “O técnico Ariston sempre teve muita visão de jogo, e decidiu mesclar o time com juventude e experiência, então ele começou a chamar a garotada da base para o time principal. Eu com 18 anos na época, fiquei muito feliz quando ele me deu essa oportunidade”, relembra ex-jogador Wica.

O garoto Wilson jogava na equipe juvenil do Confiança desde os 16 anos e quando teve oportunidade de subir de categoria não quis desperdiçar, mesmo tendo que encarar uma grande correria para realizar os treinamentos. “Quando fui chamado pelo técnico, eu trabalhava na fábrica Confiança, então era bastante corrido. Eu trabalhava normalmente e era liberado 4 horas para ir para o treino. Mas fazia isso com muita alegria, eu e todos os outros que passavam pela mesma situação, o cansaço do trabalho desaparecia quando chegávamos ao treino”, comenta Wica.

As estratégias adotadas pelo Confiança deram certo. Com o time proletário renovado, eles venceram a segunda partida contra o Vasco, empataram a terceira e venceram a quarta, conquistando assim o título do Campeonato Estadual. Após essa

conquista era chegada a hora de novos voos para o time, o Confiança passou a fazer história na competição da Taça Brasil, atual Campeonato Brasileiro.

### **Confiança se destaca na Taça Brasil**

O ano de 63 é conhecido como o ano de ouro para torcida proletária. Este foi o ano em que o Confiança marcou o futebol brasileiro, a sua forma de jogar ficou conhecida na Taça Brasil. Após vencer o Estadual de 62, que se estendeu até meados de 63, o Confiança teve pouco tempo para se preparar para o certame nacional, motivo dado para a derrota no jogo de estreia por 2x0 contra o Capelense (campeão alagoano). Refeito do susto, o time azulino estava pronto para mostrar seu bom futebol, e jogando em casa desta vez, o Confiança não deu chance alguma para o Capelense e venceu os dois jogos seguintes, por 2x0 no primeiro e 3x1 no segundo. Com as duas vitórias na melhor dos três jogos o time proletário estava classificado para próxima etapa, o adversário desta vez era o Campinense, campeão da Paraíba.

O primeiro jogo contra a equipe paraibana foi na casa proletária, e o Sabino Ribeiro foi palco de uma grande festa na vitória do Confiança por 2x0. A segunda partida foi fora de casa e em Campina Grande parecia que o Confiança receberia o troco. Ainda no primeiro tempo um 2x0 assombrava a equipe azulina, o técnico Ariston fez algumas modificações, mas o que faltava mesmo era o goleador, como explica Wica. “Um detalhe importante desse jogo é sobre o nosso jogador Ruiteir, ele já era um artilheiro, a fama dele já ‘corria’ pelos cantos, então ele foi ameaçado de morte pela torcida da Paraíba, eles queriam colocar medo e Ruiteir realmente ficou com muito medo, e disse que não queria jogar de jeito nenhum, mas nós o convencemos”.

Sorte do Confiança e azar do Campinense, pois Ruiteir era mesmo um goleador. Ele entrou em campo e parece ter esquecido toda a pressão e todo o medo, marcou 4 gols, e garantiu uma virada histórica, no final do jogo o placar mostrava Confiança 4 x 2 Campinense. Após mais essa vitória o Confiança ganhava destaque na crônica esportiva do Nordeste, jornais falavam sobre o seu jeito de jogar, os quatro homens do ataque (Ruiteir, Beto, Daniel, Debinha) eram conhecidos por deixar a defesa adversária tonta, foi com todo esse prestígio que o time azul chegou para a partida contra o Ceará- Sporting (bi-campeão do Ceará).

25 de Agosto de 1963, Estádio Presidente Vargas em Fortaleza, partida do Confiança contra o Ceará- Sporting, pela Taça Brasil. Essas palavras ditas juntas soam como música aos ouvidos da torcida proletária. O Confiança era esperado com grande expectativa para a partida, mas quando a bola rolou quem saiu na frente foi o Ceará. O jogo era movimentado e o placar logo assinalava 2x1 para os donos da casa que faziam a festa em Fortaleza. O Confiança precisa reagir, era hora de seus quatro jogadores de frente mostrarem suas forças. Afinados como um quarteto de cordas, a troca de passes do Confiança era rápida e fatal, os gols começaram a sair, e a torcida logo se empolgou e vibrava sem parar.

“O Confiança dava realmente um show dentro de campo, a forma de jogar deles era tão contagiante, que empolgou não só a torcida, mas também o narrador do jogo de lá do Ceará. Quando Ruite e Beto trocavam passes, ele narrava de Pelé para Coutinho, de Pelé para Coutinho, fazendo alusão a essa dupla fantástica”, conta o radialista e professor Vilder Santos.

Toda essa empolgação não era para menos, o placar já havia virado e agora marcava 4x2 para o Confiança, o que deixou o time do Ceará atônito. “Depois que viramos o jogo o Ceará estava perdido dentro de campo. Aos 40 minutos do segundo tempo, Daniel pegou a bola no meio de campo, parou, colocou o pé em cima e o time do Ceará também parou, eles já não tinham poder nenhum de reação, foi incrível aquilo,” relata Wica. O ex-jogador relembra ainda, que após a grande vitória do Confiança, o estádio Presidente Vargas foi totalmente pintado de azul e branco. “Nós fazíamos a festa no gramado e a torcida respondia das arquibancadas, e o mais curioso é que não era só a torcida proletária, a torcida do Ceará estava com bandeiras brancas e gritando o nome do Confiança”.

Na volta para Aracaju, o time azulino foi de Fortaleza à Recife de ônibus, pois o aeroporto da capital cearense estava interditado. Em Recife pegaram um avião e quando aterrissaram em terras Sergipanas os jogadores e comissão mal podiam imaginar no tamanho da recepção que os aguardava no Aeroporto Santa Maria.

“Dezenas de torcedores estavam nos esperando. Subimos no carro do corpo de bombeiros e foi aquela carreata com fogos. Como se tivéssemos sido campeões do mundo”, relembra Wica, ainda emocionado e orgulhoso por ter feito parte daquele time que entrou para a história.

Hoje com 71 anos de idade seu Wica vende galinhas no mercado de Aracaju. Entre uma venda e outra, uma nova história é contada, e vez ou outra suas mãos mexem e remexem os óculos, principalmente quando é perguntado sobre a existência de registros da época. “Eu tinha muitas fotos, mas acabei me desfazendo. Não conseguia olhar para elas, sentia muita saudade, hoje eu até me arrependo”, lamenta Wica.

O jovem lateral esquerdo nunca teve grandes aspirações no futebol, pois o seu foco era ter um bom emprego e naquela época o futebol ainda não se enquadrava como tal, assim sua carreira no futebol teve a mesma duração que sua carreira na fábrica Confiança. “Naquela época não jogávamos por dinheiro, era por prazer mesmo. Assim eu permaneci jogando como amador e trabalhando que era meu foco. Eu só recebia alguma coisa no futebol quando tinha os ‘bichos’”, conta.

As recordações de seu Wica sobre a Taça Brasil contam ainda com as legítimas manifestações do povo, que cedeu seus carros com suas luzes acesas, suas bandeiras, suas sirenes tocando, para que todos pudessem reverenciar os atletas do Confiança, que foram conduzidos até o centro da cidade, onde o então governador da época, Luís Garcia, aguardava para também prestar suas honras. E também com os tristes acontecimentos nas partidas seguintes da competição.

Infelizmente, na partida seguinte o jogador Ruiteir não participou devido a uma lesão e assistiu a uma má apresentação de sua equipe. No terceiro jogo, o que se viu foi uma enorme catimba da equipe cearense, que segundo Wica, ainda contou com a ajuda do árbitro. A junção desses dois elementos resultou na melancólica derrota da equipe proletária por 2x0, encerrando assim a sua participação na competição.

## O CONFIANÇA É MAIOR NO CENÁRIO NACIONAL

Após o grande sucesso da equipe do Confiança na década de 60 alguns torcedores ficaram com uma nostalgia antecipada, se perguntando quando teriam outra equipe como aquela? Mas já em 76/77 a Associação Desportiva Confiança formou outra grande equipe. Entre os craques da época estavam: Zé Luiz, Fiscina, Manga, Lourival, Gilson, Pedrinho, Dudu, Samuca e Luiz Carlos, Nininho, Joãozinho e Marcílio.

Foram estes jogadores que fizeram o atual presidente do clube, Luiz Roberto, se fascinar pelo futebol “Nessa época meu pai era tesoureiro do clube, eu tinha 10 anos já era torcedor e acabei me tornando mascote do clube. Então eu entrava no campo de mãos dadas com os atletas, assistia grandes jogos no Batistão e vi o Confiança se tornar bicampeão do estado em 77. Foi ali que iniciou minha ralação de amor com o clube”, relembra o presidente do Confiança, Luiz Roberto.

A renomada equipe proletária deixou seu nome não só na história do Confiança, como na história do futebol sergipano, pois além de se consagrarem bicampeões estaduais eles conseguiram um fato inédito para o futebol local. Na ocasião, a equipe conquistou uma vaga para semifinal da maior competição do futebol brasileiro, o Brasileirão. A conquista da vaga veio após a vitória por 3 a 1 sobre o Volta Redonda. A festa, no entanto, só foi acontecer após a última partida da fase de classificação da Série E. O jogo foi contra o Flamengo de Zico, Toninho e Junior.

O time rubro-negro era um dos mais conhecidos nacionalmente, por isso colecionava torcedores por toda parte do país. Além disso, o time contava com um dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro e mundial. Arthur Antunes Coimbra, o Zico considerado por muitos o melhor jogador já revelado pelo país depois de Pelé.

Para os sergipanos ver o Confiança jogar contra o Flamengo representava muito, pois havia muito carinho pelo time rubro por aqui. Certa vez o time carioca veio jogar em Aracaju e causou uma agitação em todo estado. “No dia do jogo a cidade de Aracaju se movimentou inteira para ver o Flamengo jogar, as começaram a sair de casa ainda cedo. Os ônibus do interior chegavam lotados o tempo todo”, conta o professor Vilder Santos.

O Flamengo daquela época talvez fosse o maior time brasileiro, mas ainda assim muitos foram os holofotes voltados para equipe azulina. A crônica do Rio

especulava - “poderia o Confiança derrotar o grande Flamengo”? A partida foi no Maracanã, maior estádio do Brasil.

O time proletário entrou em campo muito nervoso o que comprometeu o desempenho da equipe, principalmente o de Joãozinho da Mangueira, um dos melhores jogadores da equipe. Por este motivo a vitória dos azulinos infelizmente não veio. Ainda no primeiro tempo Toninho jogador do Flamengo, disparou com a bola, parecia impossível pará-lo e quando Manga do Confiança tentou, se precipitou e acabou marcando contra. O segundo gol veio da fineza da jogada de Zico.

Na volta para o segundo tempo, mostrou suas qualidades. Aos 7 minutos, Hélio passeou com as bolas nos pés, driblou Junior e Cantarelli e marcou o gol do time azulino. O time do Rio ainda marcou mais um após uma falha do goleiro proletário. Placar 3 a 1.

Apesar da derrota a festa proletária permaneceu, já que a classificação em 3º lugar do grupo, para semifinal do Campeonato Brasileiro estava garantida. Na chegada a Aracaju era hora de sentir de novo o calor da torcida proletária, os atletas foram recebidos ainda no aeroporto por uma grande massa, e logo depois saíram em carro aberto pela cidade fazendo um carnaval fora de época.

O fato da equipe não ter conquistado a vitória se tornou pequena, para o torcedor azulino essa disputa foi mais uma expressão de que o Confiança é maior que o Sergipe no cenário nacional.

## CONFIANÇA NA SÉRIE C DO BRASILEIRO 2015

2015 tornou-se mais um ano para ser lembrado com carinho pelos torcedores proletários. Principalmente por que nem os mais otimistas acreditavam que o time faria a campanha que fez ao disputar a Série C do Campeonato Brasileiro. Ainda em 2014, o Confiança já deixava seus torcedores com os nervos à flor da pele e também exultantes.

O time disputava a Série D em busca do tão sonhado acesso a terceira divisão de Campeonato Brasileiro. Os números eram animadores, o time chegou a ficar invicto durante doze jogos na competição. No dia 19 de outubro de 2014, após um empate sem gols diante do Jacuipense, o *hit* criado pela torcida em 2008 era entoado com total propriedade. “Vamos Subir Dragão”, o Confiança conquistava a vaga para série C 2015.

Quando o campeonato começou o foco do Confiança era o de se manter na Série C. A comissão técnica, a diretoria e os jogadores, todos estavam voltados para este objetivo. É importante ressaltar que esta não era uma visão de comodismo, ou coisa do tipo. Eles estavam sendo otimistas, e isso pode ser confirmado ao avaliar as primeiras rodadas. O Confiança não conquistava vitórias, e logo estava na zona de rebaixamento. Os dirigentes do time então entenderam que era hora de mudar.

A Associação Desportiva fez um acordo com o Vitória da Bahia, e trouxe cinco novos reforços para o time. As vitórias então passaram a surgir, e conforme elas aconteciam os torcedores exigiam mais do time, e o time passava a querer mais daquela competição, e o que se viu foi uma arrancada daquelas dignas de qualquer bom piloto de Fórmula 1.

Os jogos no Batistão passaram a ser grandes festas. Numa partida contra o América de Natal, cerca de 14000 torcedores se fizeram presentes, uma ocupação de mais de 90% do estádio. Esse movimento do torcedor não era por acaso, o time não só saiu da zona de rebaixamento como passou a figurar entre as primeiras posições da tabela. O sonho agora não era mais o de se manter na Série c, mas o de subir à Série B.

O Confiança estava nas quartas de final, o adversário, o Londrina, do Paraná. Era vencer, e se consagrar com o acesso à segunda divisão do Campeonato Brasileiro. O primeiro jogo da decisão, foi em casa com o apoio da torcida, mas, apesar disso e de jogar melhor, o gol não saiu e o resultado foi um empate sem gols na Arena Batistão. Na partida

de volta o Londrina acabou vencendo por 1 a 0, e ficando com a vaga. Apesar do Confiança não ter conquistado a vaga, o time deixou mais um legado, ele sempre pode ir além das expectativas.



### **30. PAPO DE TORCEDOR**

#### **Torcedor Edson Dida**

“Minha história com o Sergipe começou em 1967, quando tinha 8 anos. Sergipe e Confiança foram fazer um amistoso em Capela, minha cidade natal. Nessa época sempre que tinha esse clássico no interior acontecia uma grande festa, em qualquer interior que eles fossem havia uma festa na cidade. Então nesse dia dois motivos me fizeram torcer pelo Sergipe. O primeiro é que mamãe era amiga do então presidente do Sergipe, Eduardo Abreu. Ele foi até minha casa, e minha mãe e ele estavam tão empolgados com o Sergipe que eu fui no embalo.

Segundo motivo é que na hora do jogo o Sergipe venceu o Confiança por 3 a 0. A partir de aquele dia me tornei torcedor do Sergipe fiel do time. Mas, como morava em Capela não dava para acompanhar muito o clube, só quando o pessoal fretava carros para vir a Aracaju ver o jogo. Em 78 vim morar em Aracaju, então passei a acompanhar o clube mais de perto e hoje sou muito feliz por estar no clube todos os dias”.

#### **Igor Batista**

“Quando tinha cinco anos de idade tive um dilema a solucionar. Fui assistir à final do Campeonato Sergipano de 2001 com meu pai que torcia pelo Sergipe e meus primos que torciam pelo Confiança. Eu não sabia para que lado torcer, mas já saí de casa com um sentimento ‘azul’ no peito. Quando chegamos ao estádio ficamos na arquibancada do time proletário e antes do jogo começar a torcida já fazia a festa. Eu fiquei em estado de choque e me apaixonei perdidamente por aquele sentimento que meus irmãos azulinos demonstravam sentir ao cantar. O Confiança foi campeão, vencendo o jogo por 2x0, e a partir dali me tornei fiel ao clube.

Acompanhei o Brasileiro Série C 2006, 2007, e 2008 que foi o ano do quase Série B. Foram muitas viagens, interiores de Sergipe, Alagoas e Bahia. O sentimento de amor pelo Clube você adquire espontaneamente, tipo um vírus do bem. Com fé em Deus, por muitos anos ainda estarei com o clube, vendo o Campeão dos Campeões no gramado manter sua glória”.

#### **Saulo Monteiro**

“O ano era 1994, eu tinha oito anos e estava na casa de minha avó, que mora no bairro Suíça, próximo ao Estádio João Hora. Meus tios estavam indo para o Batistão e nesse dia resolveram me levar. Nós fomos caminhando. Eu já gostava de futebol, mas acompanhava pela TV, tinha visto o tetra da seleção, mas naquele dia foi muito diferente. O estádio era enorme, a torcida gritando, o cheiro de pipoca e churrasco, as bandeiras, a emoção! Quando saiu o gol do Sergipe, vi desconhecidos se abraçando numa alegria só.

Depois disso comecei a frequentar o clube social do Sergipe todos os domingos, ia para piscina do João Hora, e via uma nova estrela surgir na parede, 6 no total! Sergipe era hexa. Criei o hábito de ir aos jogos e não importa se a imprensa local não dá importância, não importam os resultados, não importa se tem divisão ou não, estarei sempre lá, pois amo meu time, adoro os amigos que fiz e isso me basta. Sou sócio torcedor e tenho muito orgulho de torcer para um time que é do meu estado. Hoje não vou mais com os meus tios, vou com os amigos, uns que eu fiz no estádio, outros de infância que compartilham da mesma paixão. Futebol de verdade é no estádio! ”

### **Leonardo Chagas**

“Minha vida em regra gira em torno do dragão!!! Comecei a torcer pelo Confiança quando meu pai me levou para assistir ao jogo da final do Campeonato Sergipano de 2001. Antes disso não gostava de futebol, mas após ir nesse jogo comecei a ir com frequência ao estádio, daí começou essa paixão tão grande pelo time azulino!!! Minha relação de amor com o dragão é de amor incondicional!!! Faço minha vida girar em torno do Confiança. Um bom exemplo é que minhas aulas dia quarta-feira não podem ser a noite, pois quarta à noite é dia de jogo, assim como o domingo se tem jogo do Confiança eu estarei presente!!! Já rodei o interior do estado todo pelo meu time.

Fiz também várias viagens para outros Estados. Cidades como Caruaru, Arapiraca, Alagoinhas, Feira de Santana. Foram momentos maravilhosos que, se possível pretendo repetir ao longo dos anos!!! Enfim, já tive muitas histórias com o dragão, muitas alegrias e muitas tristezas, mas a única coisa que nunca mudou e nunca mudará é o amor que tenho pela Associação Desportiva Confiança!!!”

### **Torcedor Edson Dida**

“É difícil esquecer a decisão de 2009. Um jogador do Confiança foi expulso logo no início do primeiro tempo. Então o Sergipe tinha a vantagem de um jogador a

mais, tinha um time bom, e ainda jogava pelo empate. Mesmo assim, o Sergipe não conseguiu a vitória, fomos derrotados por 2 x 0 e perdemos o campeonato. Tem fase que nada dá certo.”

### **Torcedor Luiz Roberto Dantas**

“Em 2009 o confiança tinha um treinador chamado Luiz Carlos Cruz, e faltando três partidas para terminar o campeonato, decidimos rescindir o contrato com o treinador, já que os resultados não eram bons e o confiança tinha tudo para ser campeão com aquela equipe. Passamos dois dias pensando quem seria o substituto, alguém que conhecesse o grupo e que viesse treinar para apenas três partidas.

Resolvemos contratar Nadélio Rocha, que era auxiliar, até então nunca havia sido treinador. Essa partida tenho muito clara na minha mente. Nós fizemos 1 x 0 com um cara que não conseguia fazer gol, era um centroavante reserva que não tinha feito quase nenhum gol no campeonato, Theo.

O atacante titular estava contundido e Theo jogou no lugar e fez o primeiro gol. Perdemos um atleta ainda no primeiro tempo, jogamos o segundo tempo todo com um a menos. Na segunda etapa o Confiança recuou e tome bola do Sergipe na nossa área e aos 25 minutos Zé Paulo pega a bola no meio de campo, dribla toda a zaga do Sergipe e chuta bem devagar e o Confiança faz 2 x 0 tornando-se campeão do estado.

Um fato interessante foi que os jogadores pediram para que levasse um champanhe para o pódio, pois antes da partida foram chamados de briteiros, e sendo assim queriam registrar a marca deles. Isso ficou marcado pela forma folclórica que aconteceu. Nem a gente esquece, torcedores do Confiança e tenho certeza que quem é torcedor do Sergipe também não.”

### **Torcedor Raphael Dantas**

“Às vezes paro para pensar se o que nós integrantes de torcidas organizadas fazemos por nossos times é algo exagerado. Chamamos a atenção da sociedade pela forma como demonstramos o nosso amor pelo clube, as viagens cansativas, as chuvas que nós tomamos, o dinheiro que nós gastamos e as brigas que nós entramos para não deixar os parceiros na mão. Pensando nisso cheguei a uma conclusão. Sim, o que nós fazemos é

totalmente diferente, é um estilo de vida que só os integrantes de torcidas podem entender. É uma loucura sem cura, uma paixão sem limites.

Muitos podem falar mal e o quanto quiserem, mas antes se pergunte. ‘Você já fez parte de uma torcida organizada para nos julgar como bandidos, vagabundos... etc’? Para nós não importa a divisão do time. As vezes nós pulamos de alegria, outras apenas sentamos e deixamos as lágrimas escorrerem pelo rosto. Mas, não um vice no campeonato que nos faz desistir do time, isso nos dar mais forças para voltar no próximo campeonato e apoiar a equipe. O que nós fazemos é por nós e por amor ao time. Você pode até sair de sua torcida organizada, mas ela jamais sairá de você! ”

### 31. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA. História. Disponível em: <<http://adconfianca.net/historia>>. Acesso em 18 de out. 2015.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo**. V.2. 5. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BAHIA, Juarez. **Dicionário de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto: 2006.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Rodolfo. **Manual de jornalismo para rádio, TV e novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. 21ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2010

BARCELLOS, Caco. **Rota 66: a história da polícia que mata**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2011

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

CLUB SPORTIVO SERGIPE. História. Disponível em: <<http://cssergipe.com.br/historia/>>. Acesso em 18 de out. 2015.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira**. 2011.

FILHO, Viana. **A História do Futebol Sergipano: a história completa desde 1907 a 1960**. Aracaju: Universidade Tiradentes – UNIT, 2014.

FILHO, Viana. **Crônica Esportiva**. Aracaju: Universidade Tiradentes – UNIT, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

JUNIOR, Hamílcar Silveira Dantas. **Esporte e espetáculo na modernidade aracajuana: os clubes esportivos como instituições educativas (1909-1918)**.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

MAILER, Norman. **A luta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ª edição. 4ª reimpressão. São Paul: Atlas, 2011.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. **Corinthians x Palmeiras:** uma história de rivalidade. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Ana Estela de Souza. **Jornalismo diário:** reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

PUHL, Paula Regina; SARAIVA, Juracy Assmann. (Org.). **Processos culturais e suas manifestações.** 1ª edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2012

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. **Da Fábrica ao Campo, Vender Tecido e Vender Espetáculo:** Tecendo os Fios da História de um “Casamento Feliz”. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa:** Projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker editores, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, SP: Associados /Anpocs, 1996.

TEIXEIRA, Rosana Câmara. **Os perigos da paixão:** visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.